

0030672/2003

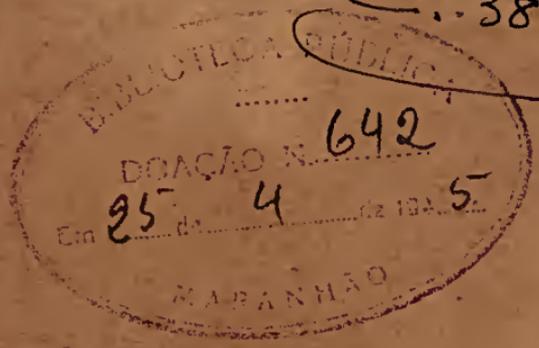


L0000030675

869.1B

C. 384

43



Alma do Sertão



A. S. 1

DO MESMO AUCTOR

MEU SERTÃO

SERTÃO EM FLOR

POEMAS BRAVIOS

MATTA ILLUMINADA

OS PESCADORES

MEU BRASIL

EVANGELHO DAS AVES

186-70
CATULLO CEARENSE

Kit, 29

V. pag. 15

VIII / 15

do prefácio em respeito
a Alberto Maranhão e o
Alma do Sertão
violada de Catullo.

ORJAL
28491
3382

Desafios

A Mulher jul-
gada pelos homens

REGISTRO SETORIAL
Seção Obras Raras
N.º 80
Data 28/11/23

Genivaldo de Mattos, o maior
amigo literário de Catullo
de Paixão Cearense,
etc.



LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO
FREITAS BASTOS & CIA.
Ruas: — Bethencourt da Silva, 21 — A
e 13 de Maio, 74 e 76 — RIO DE JANEIRO

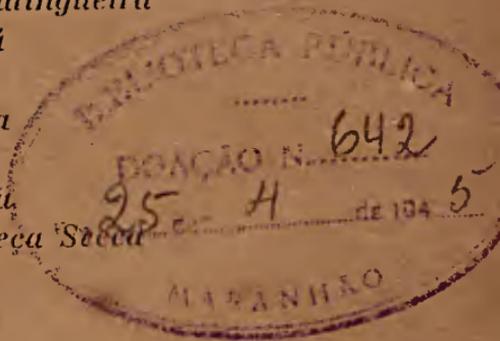
1928

com a guil

DEDICATORIA

A' MEMORIA DE:

do
Manoel Riachão
Romano da Mãe d'Água
Ignacio da Catingueira
Silvino Piraná
Azulão
Maria Turbana
Salvina
Chica Barroza
Leopoldo Cabeça Seca
Bem-te-vi
Rio Negro
Caninana
Ventania
Chico Mindello
Jérôme do Junqueiro
João do Japy
Braz Macacão
Madapolão
Manoel Côco, Pedro Coxitope,



grandes violeiros, cantadores e improvisadores dos sertões do meu Brasil, todos elles acompanhando, em caminho da Eternidade e n'uma toada sertaneja, a esse saudoso bohemio, a esse poeta do violão, a esse bardo das modinhas, a esse trovador das antigas serenatas, a esse apaixonado e confidente dos segredos da lua e do mysterio das estrellas

SATYRO DE ALCANTARA BILHAR

ALGUMAS NOTAS SOBRE O OCCUPANTE DA CADEIRA QUARENTA-E-UM

Da minha longa convivencia com Catullo surgiram estes apontamentos e commentarios, que talvez sirvam para quem tenha capacidade para a critica. Deviam constituir uma noticia para uma revista de arte. Com a sua fraternidade, elle entendeu que poderiam servir de introito a este livro e pedir-me que lhes desse uma feição de prefacio. Ahi o tem, talvez com um aspecto demasiadamente jornalistico. Mas esta reunião de informações é, sem duvida, o seu unico valor.

Agradeço a Catullo a sua insistencia, para que as publicasse, porque nisso vejo aquella nunca desmentida amizade que é um dos maiores contentamentos do meu espirito.

Catullo da Paixão Cearense, é um nome que, dia a dia, se universalisa e já um critico, notavel pela expressão esthetica dos seus estudos, advertiu que o não confundissem com Caius Valerius Catullus...

Em festivaes que se realisam em Paris inclue-se o seu nome; em anthologias como a de Ballivian e

a que Rach Isla está organisando na Colombia figuram traducções dos seus poemas e, por ahí além, elle é comparado a Homero, a Mistral, a Tagore, a Victor Hugo...

Julio Dantas diz, que só a posteridade dirá a alta significação do autor da "Matta Illuminada" e d'"O Evangelho das Aves" e Hermes-Fontes, que escreveu as "Apotheoses" e que fez uma porção de sub-hermes-fontes, disse-me um dia: "não sei se elle é propriamente um homem de letras, mas sei que na sua poesia ha descargas de genio que, ás vezes, num seculo de literatura não se encontram".

Creio que, com as suas canções, õu com os seus poemas, Catullo, é um poeta unico no mundo pela sua feição esthetica e pela liberdade genial da sua emoção; nos outros poetas, desta ou daquella maneira, a emoção fica encarcerada.

Acredito também que Catullo seria capaz, de escrever tudo quanto pensa tendo a coragem, de escrever o "seu" livro, — o livro de todas, de todissimas as confissões, se á sua vocação literaria fosse de prosador.

Talvez, sob esse aspecto, venha a ser só, no mundo, o livro de Medeiros e Albuquerque: — "Quando eu era vivo..."

Mas já é tempo de falar deste livro.

Catullo da Paixão Cearense não é prosador.
Não é prosador como o autor dos "Poèmes Do-

res" não era, no rigor da expressão, um poeta apesar de ter escripto "Les Puits de Sainte-Claire" em que a arte de escrever é limpida e agradável como a agua honesta dos regatos. Mas se tudo aquillo fosse feito em verso, propriamente dito, não teria tão requintada enoção.

Estas paginas, em prosa, sobre a Mulher, nada, absolutamente, nada accrescentam á gloria do poeta d'"A Promessa" e da "Terra Cahida"; do "Chico Rosa" e d'"O Tocador de Ganzá".

E' um simples passatempo.

E' um repouso do espirito.

Este livro traduz a banalidade da vida.

E' feito, muitas vezes, de phrases que são de qualquer pessoa; pela expressão e pelo pensamento.

E' um desfiar de logares-communs.

O autor, porém, não está nos seus personagens.

Quantos aqui não dizem senão cousas erradas: são como os personagens de uma peça theatral: podem fazer o que elles quizerem, no fim dá certo.

Uma virtude pelo menos elle tem: está escripto, quasi sempre, em linguagem de toda a gente. Não tem nenhuma influencia do prefacio do "Quando o Brasil amanhecia", valumoso trabalho estylistico do insigne paisagista do "Inferno Verde".

Um homem intelligente disse do seu proprio idioma: "En réalité, le vrai français, c'est le français populaire. Et le français litteraire ne serait plus aujour d'hui, à ce point de vue, qu'une langue

Handwritten notes on the right margin: "Hum-fels de Campos, in sec" and "11001".

artificielle, une langue de mandarins — tñe sorte d'argot..." (*)

E' melhor — quem sabe? — que todos falem e escrevam sem pensar na opinião dos criticos. Assim sairiamos do "calháo" literario; da arte de "cliché".

Vou dar um exemplo: em 1853, "no Jornal do Commercio", Francisco Octaviano escreveu na sua secção, que agora está sendo reeditada:

*"Et rose elle a vécu ce que vivent les roses
L'espace d'un matin"*.

Um domingo desses, de literatura por atacado, Medeiros e Albuquerque, tão rico de phrases e de pensamentos interessantissimos, que tantas vezes só occorrem á sua agilissima intelligencia, precisando exemplificar, lá veio com a mesma cousa, no mesmo "Jornal do Commercio":

*"Et Rose, elle a vécu ce que vivent les roses
L'espace d'un matin"*.

E' verdade que a virgula e a "caixa alta" dão mais authenticidade á citação do critico que tanto nos prejudicou por ter, com tão boas intenções, revelado Freud aos escriptores que anciavam por um caminho novo.

Até hoje não houve nada mais interessante que os exhaustos versos de Malherbe?

Estes, emfim, são muito bonitos e suavissimos... mas o soneto de Felix d'Arvers, que é tambem uma citação obrigatoria!

(*) HENRI BAUCHE — *Le langage populaire* (Ouvrage couronné par l'Académie française).

— Se você não quer isso temos “La Fin du Monde”, de Blaise Cendrars.

— Não! Nesse caso fiquemos contra o autor do “Morra a Academia!” e a favor de Coelho Netto.

Então temos que nos resignar á repetição e valerá a pena discutir até a collocação dos pronomes!

Se o actualismo, de que o autor de “Chanaan” ainda não deu o exemplo, produzisse sempre paginas como as do “Canto da Minha Terra”, muito bem.

Mas, a verdade é que a certas attitudes, dos seguidores de Marinetti, não são applicaveis os conceitos de Freud e de André Breton, mas as palavras desanimadoras de La Roche & foucauld: “La folie nous suit dans tous les temps de la vie. Si quelq’un parait sage c’est seulement parce que ses folies sont proportionnelles à son âge à sa fortune”.

Ora, na confusão desse bazar esthetico, em que para dizer de uma maneira nova, como prosadores, surgiram apenas Adelino Magalhães, José Americo de Almeida (o autor d’“A Bagaceira”) e raros outros, no Rio e em S. Paulo; em meio a tudo isso, era natural que Catullo Cearense, que não pede modelos a ninguem, resolvesse escrever, á vontade da penna, um livro em prosa — para distrahir-se, para interessar toda a gente, ora com um disparate e em seguida com um pensamento que qualquer escriptor

poderia assignar. Escreveu estas paginas acreditando, com João Ribeiro "que a lingua é um instrumento de communicacão e não de mysterio". O que não impede que ella seja, tantas vezes, um instrumento de communicacões bem mysteriosas, e francamente condemnaveis, como neste periodo citado, muito a proposito, por Agostinho de Campos: "Acuminado pela sede de cascabulhar na caligem bruna dos tempos cadilhos edulcorados de cadoxos em estropiacão aepácmástica, exhausto-me em pélagos de polimorfias eméticas, onde em vez de camparem faces ebóreas de empubescimento acarriante, enfrento apenas múmias egras dum calcedonismo de carpó-lilhos".

Accrescenta o escriptor lusitano que indo ao dictionario lá encontrou todas as palavras que ahi ficam.

— Que culpa têm ellas de nascer assim? perguntou-me um rapaz de letras e de absurdos, nascido como eu na terra de Raul Pompeia e de Euclides da Cunha.

— Não têm culpa nenhuma; dormem no museu do dictionario, porque são necessarias, mas não devem andar juntas, salvo se houver o milagre da resurreição, — respondi, um tanto influenciado pelo estylo do meu conterraneo.

E disse mais, já que o assumpto era importante: — na ponta dos versos de B. Lopes, seriam guizos de crystal; dariam excellentes rimas.

Mas o meu amigo não quer saber de bons exemplos e garantiu-me a existencia de uma linguagem que só deve ser entendida dos "iniciados", ou melhor, nem destes; nem do autor: — "Quando eu escrevi isto, disse um profundo pensador, eu e Deus sabemos o que queria dizer; agora, affirmo que nem Deus sabe". Catullo não seguiu o exemplo e quiz escrever como todos os mortaes, elle que occupa a cadeira quarenta e um da Academia, de que tomou posse em sessão especial, organizada em homenagem ao artista da "Ceia dos Cardeaes". Sobre esse acontecimento escreveu uma excellente noticia o poeta Luis Carlos.

O livro, que o leitor agora vê, desperta gargalhadas ao proprio autor, que o escreveu despreocupadamente, o que não impede de reconhecer que algumas das suas paginas encerram verdades de que alguns grandes prosadores têm feito volumes de varias centenas de paginas!

E' um livro simples, ás vezes, lembra leitura de almandack, mas por isso mesmo deve ser um grande livro para o grande publico.

"Ponham um paradoxo nos lábios de uma "estrella" dos palcos indigenas... Só para vêr como fica" — lembrou o Henrique Pongetti.

Entretanto, por conta propria, Catullo póde dizer com Raul de Leoni:

*“Alma de origem attica, pagã,
Nascida sob aquelle firmamento
Que azulou as divinas epopéas,
Sou irmão de Epicuro e de Renan,
Tenho o prazer subtil do pensamento
E a serena elegancia das idéas”.*

Para que assim se affirme, basta recordar o tempo aureo da sua vida de cantor, em que, com um violão na mão, elle era o homem mais feliz do mundo, no seu proprio dizer.

Foi por esse tempo de empolgante entusiasmo que Paulo Barreto escreveu na “Alma Encantadora das Ruas”: Catullo é o esthéta da prova popular. Vel-o recitar o “Poéta e a Fidalga”, com um copo de “chopp” na mão é um desses “espectaculos de “brasserie” inesquecivel. Catullo emmaranhou-se no dogma da moda, corrigiu os versos de tudo, quanto era quadra, estudou Bellini, Donnizetti, Verdi, adaptou os nossos versos a trechos de operas e, finalmente, compoz traducções livres de Leconte...”

Foi mais ou menos, por esse tempo: no Conservatorio Nacional de Musica, o esthéta da modinha, realizou, sem auxilio de ninguem, um recital tão notavel que Machado de Assis, ao saber do seu grande successo, dirigiu-se a Catullo, na Livraria Garnier, para felicital-o. Assim Catullo, que é um “deramado”, despertou o applauso de um homem que

"julgava o entusiasmo mais repugnante do que o crime".

E' de notar que o maestro Alberto Nepomuceno só consentiu que se realizasse o recital, em que o instrumento era o violão, por isso que elle estava nobilitado pelo éstro do extraordinario trovador. Foi pelas suas mãos que o instrumento do povo foi acceto pela sociedade culta.

Lucio de Mendonça organizou uma festa de intellectuaes para que Catullo cantasse as suas modinhas, ao som da lyra de seis cordas, que elle faz vibrar em harpejos que reharmonisam os seus versos.

Nessa noite a sua musa teve os applausos entusiasticos do historiador Oliveira Lima e do marchal Roberto Tromposwky, tambem intelligencia de grande cultura e companheiro [de Ruy] na Conferencia de Hayd.

Na antiga Inglaterra o poeta do "Sertão em flôr" teria direito a certas honras officiaes e a uma quarta de vinho, como aconteceu a Geoffrey Chaucer, de tão grande significação na historia literaria do seu paiz. Quatro presidentes da Republica quizeram ouvir Catullo e um delles reuniu todos os seus ministros para uma audiçãõ que se realizou no Palacio do Cattete.

Ao menos assim, não aconteceu com Catullo, o que em França occorreu a respeito de Claude Bernard cujo nome era completamente desconhecido de Napoleão III.

Na ilha de Santa Cruz, a Sra. Besanzori Lage deu-lhe a suprema honra de ouvi-lo em suas canções, e despertando o divino encanto da musica popular, cantou ella propria, com a sua voz universalmente notavel, as estrophes do "Luar do Sertão, esse hymno immortalizado pelo sentimento de varios povos (*) e a que se referiu Ruy Barbosa, no livro — "Oração aos Moços" —, e Mucio Teixeira neste soneto.

CATULLO, O TROVADOR

Quando este Menestrel Selvagem canta,
No psalterio da noite, ha litanias;
O' tropeiro sagrado! em liturgias,
E's o templario de uma ermida santa!

O teu trovar que nos commove e encanto
Como que tem lampejos de harmonias!
— Parece o gallo triste, que dizias
Ter a alma da lua na garganta! . . .

Quer seja á luz do sol, que enfeita os dias,
Derramando um rubim em cada planta,
Quer se derrame o luar em noites frias;

Teu estro, que a rugir a fauna espanta,
Da flora tropical nas ramarias
Farfalha, vôa . . . aos astros se levanta!

(*) *Matta Illuminada*: — O sentimento slavo e a musa de Catullo.

Ha nas suas canções pensamentos delicadissimos e suas imagens vivem pela elegancia e pela originalidade. José do Patrocinio filho, leu para mim um estudo sobre Catullo em que recorda a admiração do heróe do abolicionismo pelas suas modinhas e a attenção do maestro Francisco Braga pelos recursos da sua voz.

Lembrando o tempo em que elle cantava de violão ao peito, (depois de ter leccionado, durante o dia, com notoria competencia, portuguez e francez) não resisto ao prazer jornalístico, de revelar a semelhança entre a sua vida e uma phase da existencia do general de "21 brigadas", Francisco Glycerio, uma figura realmente sympathica da propaganda republicana.

Ambos passaram a mocidade a fazer serenatas e a viver do magisterio particular. (*)

Mas em vez de ascender ao Senado, a exemplo do

(*) E' de uma conferencia do dr. Antonio Alvares Lobo, então presidente da Camara dos Deputados do Estado de São Paulo, este trecho sobre o politico famoso, que foi noctambulo romantico, e poeta, influenciado pela poesia de linhas rectas em que Bocage foi mestre:

"... Empregou-se, então na "Typographia Campineira", dos irmãos Theodoro, João e Francisco Theodoro de Siqueira e Silva, fundadores da extincta "Aurora", o mais remoto órgão do jornalismo local.

Occupava-se, então, diurnalmente, no fabrico de rotulos para garrafas de licor, trabalho de escassa paga, nem sequer lhe bastando á subsistencia.

Para esse tempo, época dos sonhos e phantasias, dava-se ao entretenimento das "serenatas", pelas noites de luar em fóra, em companhia de amigos da adolescencia, cuja memoria guardou com affecto até a velhice.

seu companheiro de ideal artistico, Catullo appareceu de barbas posticas, num palco de cinema, co-co cigarra a fingir de formiga.

Mas Monteiro Lobato indignou-se e escreveu:
"quem attinge taes alturas, merece, como ganhapão no fim da vida, não uma, mas duas barbas posticas".

Nas horas amargas de um como exilio no proprio berço, revendo as paisagens caras de outr'ora, descrevia ainda aos intimos, scenas do tempo saudoso e longinquo...

Em 1863, fez-se mestre de meninos, numa fazenda em Rio Claro, do tenente-coronel Francisco de Paula Salles, pae de Manuel Ferraz de Campos Salles.

E' desse tempo o desconfortado soneto que passo a dizer:

Tantos sonhos de amor se evaporaram
No fumo dos prazeres já fruidos!
Como um éco de pallidos gemidos,
Na treva da descrença se myrraram!

Imagem que mink'alma enfeitiçaram,
Nas roseas illusões dos coloridos!
Nas tintas do martyrio ennegrecidos...
Só sombras os pinceis, alfim, traçaram

No sudario da morte socegado,
Me envolverei, sem deixar falaz saudade
Daquelles que na terra me hão amado!

Possam écos de ironica amizade,
Nest'alma se apagar, quando, extasiado,
No abyssmo despertar da Eternidade!

Versos dos 18 annos, accusando a feição lamurienta do romantismo patrio, traduziam o sentir do bardo orpham. Na madureza, ria-se elles das "roseas illusões dos coloridos", prenunciantes do nephelibatismo literario".

Agifaram-se os jorndes e o espirito modelar da poetiza do "Rio Pagão", reclamou justiça para o poeta: "Raros, dentre os capazes de sentir a harmonia e comprehender a Belleza, os que lhe não sabem versos de cór. O logar de Catullo Cearense, um dos poetas maximos do Brasil, é na Academia de Letras e não n'um palco de cinema".

Diniz Junior, applaudindo a mais culla das mulheres do Brasil, escreveu vibrantemente um applauso a esse artigo que é um justo motivo de orgulho do poeta dos "Poemas Bravios".

Contudo, Catullo não se julga, e não pôde se julgar, um injustiçado: — houve um dia em que o escól do publico se reuniu para consagral-o. (*)

(*) "No dia 12 de Setembro de 1918, realizou-se no Theatro S. Pedro (hoje João Caetano) no Rio de Janeiro, uma festa em honra do poeta Catullo Cearense, promovida pelos senhores: Ministros Pedro Lessa, (do Supremo Tribunal) e Alberto d'Oliveira (Plenipotenciario de Portugal); drs. Miguel Calmon, Pandiá Calogeras, Afranio de Mello Franco, Eloy de Souza, Augusto de Lima e Juvenal Lamartine (homens d'Estado); Conselheiro Nuno de Andrade; Desembargador Ataulpho de Paiva; Professores Afranio Peixoto, Fernando de Magalhães, Pacheco Leão e Dias de Barros (da Faculdade de Medicina); Alberto de Oliveira, Paulo Barreto e Mario de Alencar (da Academia Brasileira); srs. Roquette Pinto, Assis Chateaubriand, Humberto de Campos, Luiz Carlos, José Maria Bello, Pereira da Silva, Humberto Gotuzzo, Carlos Costa, Antonino das Neves, Baptista Pereira, Alfredo Pinto, Raul Caracas, Primitivo Moacyr, Francisco Solano Carneiro da Cunha, Pires Brandão, James Darcy e Manoel Vieira Martins; (publicistas e advogados); drs. Paulo da Silva Araujo, Murtinho Nobre, David

Escrevendo para o theatro popular foi representado, ás mesmas horas, em dois theatros, tendo "O Marroeiro" se conservado no cartaz despertando um inédito interesse a interpretação do personagem que dá nome á peça, por isso que os actores que o "faziam" — pela primeira vez em nosso theatro! — procuraram attingir a suprema perfeição, com um interesse tão vivo que o acontecimento foi discutido nos bastidores e nas ruas.

Que pena que isso só tenha acontecido com "O Marroeiro"...

Dentro de alguns mezes será representada o seu novo trabalho theatral: — "Flôr de Santidade" —.

Depois de tantos esplendores, despertados unicamente, pelo seu valor personalissimo, Catullo publica, risonhamente, um livro que nenhum critico será capaz de elogiar, porque, afinal, o seu maior defeito é estar escripto ao sabor dos seus primeiros pensamentos.

Todas essas idéas vivem em livros applaudidos mas, ao Catullo prosador, falta a principal virtude

Sanson, Edmundo de Oliveira, Antonio Austregesilo, Agenor Porto, Abel Porto e Carlos da Silva Araujo (medicos).

Com o concurso graciosa da Exma. Sra. D. Angela Vargas Barbosa Vianna e dos srs. Mario Pinheiro, Frederico Rocha e actor Alberto Pires foram ditas e cantadas varias produções do poeta.

Foram oradores os escriptores Humberto de Campos e Roquette Pinto.

(Meu Sertão)

dos prosadores que é a paciência de Renan, de Flaubert, de Anatole France.

Machado de Assis é também um exemplo disso: ninguém mais banal, ninguém mais profundo; e o segredo da sua immortalidade está na sua maneira de escrever, pacientemente trabalhada, embora, ás vezes, depois de torturada revisão preferisse a primeira "prova".

No verso, Catullo tem a expressão, que é uma "trouvaille" da sua singularissima intelligencia, e uma interpretação do sentimento humano que ainda não encontrei em outros poetas.

Mas neste livro apparece também o artista do verso. Estes desafios são feitos no seu rythmo predilecto. Alguns são variantes do "folk-lore", e ganham brilho na officina de Catullo, como as aneddotas, também producções do povo, revivem na arte de contar de Humberto de Campos.

Nestes versos de desafios e no poema, equilibradamente modernista, d'"A mulher de todos nós", que lindo espirito, de Belleza e de Bondade, que legitimo poeta se expande em coloridos, em luzes de todos os reflexos.

Este é o segredo da arte personalissima de Catullo: — ser elle proprio; dizer tudo quanto sente o seu coração para que se agite aos sóes e aos luares a sua rarissima alma de artista e por isso "o certo é que o seu "Marroeiro" e analogas ficções parecem destinados a ter tanta vida quanto a vida da lingua portugueza".

A phrase é de Agrippino Grieco, o reformador da critica no Brasil, que — é bom dizer — não perdôa a Catullo o seu nobre orgulho e certas modalidades da sua arte.

Bastos Tigre, porém, applaude-o sem restricção nestes versos de risinho enthusiasmo:

*Nesse idioma de "pru mode",
De "apoís não", de "seu doutô",
Só o genio das selvas pôde
Ter resonancias de Hugo.*

*Nestes teus poemas se sente
— E' questão de os entender —
"O cheiro da terra quente
Quando começa a chover".*

*No coração desta terra,
Explorador, penetraste
E os diamantes que elle encerra
Pões dos teus versos no engaste.*

*Rondon, bravo, estuda o solo,
Rios, varzeas, chapadões,
Catullo é o Rondon que Apollo
Mandou á alma dos sertões!*

*E, lendo os teus poemas, tem-se
Esta impressão verdadeira:
Não és... da Paixão Cearense,
E's... da paixão brasileira!*

*Assim tem sido julgada, quasi sempre, a arte de
Catullo.*

*O livro de agora apresenta, de um modo defi-
nitivo, a grande força do seu maravilhoso trium-
pho: — nestas paginas se reflecte, como em nenhum
outro livro, a sua ingenuidade genial.*

Mario José de Almeida

DESAFIOS

(~~XXXXXXXXXXXX~~)

Quero q. você me diga
o q. tem a tal cachaca
q. se bebendo pra baixo
assóbe q. nem fumaca.

MARACAJA'
E
PORCO ESPINHO

A Biblioteca Pública, de
São Luiz, oferece
Guimarães Maracajá,

MARACAJÁ' E PORCO ESPINHO

Ms., 13-3-1945.

Porco Espinho

Maracajá, toma tento,
que eu vou te quemá sem dó!
Nunca yi sapo tipangue
cantando c'um curió!

Maracajá

O porco morre é na vespra,
é taliquá cumo tu...
Vamo cahí na peleja,
que onça trigue, sertaneja,
morde inté surucucú.

Porco Espinho

Jacaré não teme rio!
Águia não teme gavião!
Vento não teme caminho,
nem o má teme trovão!

Maracajá

A morte não teme a peste,
o dia não teme a luz,
mas o crime teme o açoite,
e o demonho teme a cruz!

Porco Espinho

Tenho visto tanta coisa
que não cabe n'um repente!
Um dia eu vi um piôio
bebendo mé de aguardente,
e já vi tômbem um rato
fazendo a barba d'um gato,
e vi tômbem um murcego
n'um rendengue de chamego
cum a fia d'um carrapato.

Maracajá

Apois eu vi mais mió:
d'uma feita, eu vi a lua
fazendo a barba do Só!

Porco Espinho

Apois eu vi mais mió:
eu vi um dia um calango
na feira, vendendo frango,
muntado na tua vó!

Maracajá

Se tu qué tirá pagode,
tu sáe já d'aquí, seu bóde,
mais rôxo do que juçára!
Tu sáe d'aqui sem barriga,
sem perna, sem mão, sem cára!

Porco Espinho

Eu não morro de careta,
apois nunca fui sonhim!
Quando garro nesta viola,
o Pé de Pato, o Capeta,
fica cum medo de mim!

Maracajá

Cala a bocca, Porco Espinho,
dêxa de sê marombêro.
Se tu começa cum gôga,
eu te garro no focinho,
e te jogo no chiquêro.

Porco Espinho

Vae-te embora, seu vedóia,
seu gato maracajá!
Sou Porco Espinho de nome...
Na viola sou sabiá!

Maracajá

A reposta prá sê hõa,
dá-se no pé da fivela;
quem já nasceu prá cangaia,
não pôde prestá prá sella..

Porco Espinho

A gente cá do sertão
diz que o bõo ja nasce feito,
quem qué se fazê, não pôde:
pru mais que quêra dá geito,
burro é burro, e bóde é bóde.

Maracajá

Seu cabra, toma sentõma,
dêxa de presepação,
que eu tôu ficando vexado...
já tôu perdendo a rezão.

Porco Espinho

Eu sei que tu é coiõba
“que pega bala cum a mão;
“que tu já deu n’um alejado...
“e deu n’um cego, a treição!

Maracajá

“Cala a bocca, bestaião!
“Papagaio tombem fala,
“mas não tem compreensão!”

Porco Espinho

Tu é cabra tão valente,
que tu panha de muié!!!

Maracajá

Isso é mentira, seu bóde!
Não inventa farsidade,
que Deos te castiga inté!

Porco Espinho

A Joanna Come Reméla
já disse mêrmo prá mim,
que ja te deu de cacete,
de macaca e de quirim!

Maracajá

E' mentira dessa burra!
Pancada de amô consola!
Despois que eu panho uma surra,
eu vou chorá na viola!

Porco Espinho

Se argum dia eu apanhasse
d'uma muié sambambaia,
jogava fóra estas carça
prá vesti logo uma saia!

Maracajá

Cabra frouxo, fica manso,
cara de gato ladrão,
que eu sei que tu tómbem panha
da Josefa Chabocão!

Porco Espinho

Se tu panha, cumo eu panho,
não te importa cum isso, não!

Maracajá

Mas porem, neste sertão,
tudo sabe, seu coróroca,
que ella "pranta mandióca"
cum o Pedro Cambaleão!

Porco Espinho

E todo o mundo já sabe
que a tua "come passóca"
cum o Zé Barriga de Sapo,
que é teu rivá. no quinhão!

Maracajá

Não mêxe cum meus inhapo,
pruque as muié tem rezão.

Porco Espinho

Vamo dexá de tristeza,
que a tristeza não faz bem!

Maracajá

Eu nunca vi essa bicha
dá de comida a ninguem!

Porco Espinho

A muié disgraca a gente!
E' giboia! E' jacaré!

Maracajá

E' mais pió que isso tudo!
E' piranha... é cascavé!

Porco Espinho

E' sanharão! E' trassanga!
Não hay pió anicéto,
anicéto mais crué!

Maracajá

Apois, cum toda a mardade
e toda a preversidade,
viva, viva, meu cabôco,
viva o diabo da muié!

Porco Espinho

Nós é que sêmo dois burro,
apois se Deos neste mundo,
faz tudo, tudo... faz tudo,
tudo, tudo que ella qué...

Maracajá

vamo lá gemê no pinho,
vamo soffrê caladinho,
e vamo bebê cachaça,
na venda do Catolé.

**CANINANA
E
SURUCUCU'**

CANINANA E SURUCUCU'

Caninana

Seu cantadô, me arresponda
"que diabo tem a cachaça,
"que a gente bóta no istômbô,
"e alla assóbe prá cabeça,
"frevendo que nem fumaça?!"

Surucucú

"Se assóbe que nem fumaça,
"eu não posso explicá!...
"Dêxa o diabo da cachaça,
"que é coisa que não faz má!
"Zé Pilão, garra no pinhó,
"que eu quero te dirrubá!

Caninana

Dêxa de sê babaquára,
seu pamonã, seu porquêra!
Sou cantadô de verdade!
Não sou cantô de bestêra!
Eu ando a tua percura,
cumo onça comedêra.

Surucucú

“Que tu é onça eu sabia!
“Tu só pega de treição!
“Sáe de peito descoberto,
“que eu não temo valentão!
“Pru’ quarqué meia pataca
“faço tuia de Christão.

Caninana

“Se tu pru’ meia-pataca
“tu faz tuia de christão,
“eu te garro pulo rabo,
“jogo na bocca do “Cão”!
“Eu mato só prú pagode,
“pru’ brinquêdo e vadiação.

Surucucú

Bota a viola no surrão,
que eu não quero te comê!
Valentão que oiá pra mim
sente a ciloura descê!
Tu nunca foi bóde macho!
Cabra fême... póde sê!

Caninana

Se tu tá falando séro,
é mió te amoderá!
Isto tudo é presepada,
que eu não posso creditá!
Vae-te embora, cão damnado!
Não me vem disinquietá!

Surucucú

“Quando eu venho, apreparado,
“cum destino prá fonção,
“meu cavallo é porco-espinho!
“Surucucú, — cinturão!
“O meu chapéu de cabeça —
“maribondo de surrão!

Caninana

Nunca fugi de difunto,
nem tômbem de Lubizôme!
Sou cascavé de vareda!
Onde eu pico, aribu come!
Sou raio, fogo e corisco,
onde não hay São Jerôme!

Surucucú

“Si tu é a cascavé,
“eu sou a cobra rainha!
“Onde eu botá minha preza,
“não tem cura nem meizinha,
“nem oração de vigaro...
“nem feitiço de cosinha!

Caninana

Sou vara de mororó,
que verga, mas não faxêia!
Sou coração de páu ferro;
que nem cem hôme brandeia!
Mas porêm, hoje, eu confesso:
— não tôu munto bão da veia!

(Terminado este verso, cala-se, ficando triste,
enquanto o outro, depois de breve silencio, começa a

cantar, com intervallos, as tres estrophes que se seguem. As violas nunca deixarão de tocar.)

Surucucú

“Cabôco, se eu te pegá,
“eu te castigo sem dó!
“Desço pula guéla abaixo,
“cada tripa faço um nó!
“Assubo despois prá cima...
“e vou morá no gogó!!!

(Caninana deixa de acompanhar, e baixa a frente, ouvindo, pacientemente, a descompostura).

Surucucú

“Óreia de abaná fogo!
“Cabeça de batê sola!
“Pestana de porco ruivo!
“Queixada de graviola!
“Canella de maçarico!
“Pé de macaco d'Angola!

Surucucú

“Cabôco, se eu te pegá,
“me escancho em tua garupa!
“Das perna faço uma gaita!
“Da cabeça, uma cumbuca!
“Do queixo, um pá de tamanco!
“Da barriga, um chupa-chupa.

(Surucucú continua a tocar a viola. Caninana, depois de meditar, levanta-se e canta ou recita os versos seguintes).

Caninana

“Váia-me Nossa Senhora,
Mãe de Deos de Nazareth!
Eu, cantadô famanado,
que já venci Zé Mironga,
Corrupião, Caboré,
vim perdê cum este samonga,
cantadô de raxa-pé!

Caninana

A viola, dênde o começo,
táva arreinando cumigo,
e agora eu já sei praque é!

Caninana

Eu briguei hoje cum a Rosa,
e eu vi as duas falando,
coxixando, arresmungando,
quando eu sahi do “sapé”.

Caninana

Só pru móde uma palavra
que eu disse prá caboquinha,
esta viola marvadinha
me fez perdê na peleja,
cum o diabo do prequeté!

Caninana

Váia-me Nossa Senhora,
Mãe de Deos de Nazareth!

Caninana

Eu sei que a viola é divina,
mas a bicha é ferminina!
Apois, quando ella não qué,
desafina o almiré!
Não hay coisa nesta vida
que sêje mais parecida
c'um coração de muié!...

CHICO BRABO
E
CHICO MANSO

CHICO BRABO E CHICO MANSO

Chico Brabo

Chico Manso, tira o côco,
que as cabôca vae sambá! .
Quero vê levantá poêra!
Quero vê poêra avuá!
Quero vê quêmá cravão!
Quero vê cravão quêmá!

Chico Manso

Ellas pôde toda noite
se damná, se distrocê!
Muié chêra a soffrimento,
e eu tôu farto de soffrê!

Chico Brabo

Quando as muié péga fogo,
a viola começa a ardê!

Chico Manso

Deos aprémita que um dia
tu não cáia no mundéo!

Chico Brabo

A muié véve na terra,
mas porem vêio do céo!

Chico Manso

Apois, diga, seu bengóla:
se a muié vêio do céo,
de d'onde vêio a viola?!

Chico Brabo

A viola vêio da lua,
e é fia do Deos Creadô,
mas porem muié fermosa
é a viola mais senerosa
que o Pae do céo inventou.

Chico Manso

Nosso Sinhô é cabôco,
cantadô, cumo nós é!
Deos canta prá natureza!
Não canta só prá muié!

Chico Brabo

Cala a bocca, frêvióca,
não diz mais judiaria!
Tu não vê que Jesú Christo
nasceu da Virge Maria?!

Chico Manso

Nunca vi tanta hinrizia!
Mãe sagrada de Jesus!
Quem compara a murixaba
cum a Mãe de Deos?! Credo em cruz!

Chico Brabo

A coisa mió da vida
é um pinho prá se cantá,
uma garrafa da branca,
e uma noite de luá!
Canta e gême no teu pinho,
que a muié sabe curá!

Chico Manso

A muié, seu Chico Brabo,
só que sabe é envenená!

Chico Brabo

Deos fêz o hôme de barro
cum munta sustentação,
mas vendo o hôme chibarro,
elle fez logo a muié
d'uma costella de Adão!

Chico Manso

Mas quando fez a viola,
não foi da costella, não!

Chico Brabo

De onde foi, seu cabrarêro?!
Diga já de supetão!

Chico Manso

Foi do relojo do peito
que bate as parpitação!
Uma vêio da costella,
e a outra, do coração!

Chico Brabo

Dêxa de tapiação,
que a muié não tem parêia!
A muié quando é bonita,
tem mais tungú que a sereia.

Chico Manso

Tu tá falando cum o diabo,
tu já não tá bão da véia!
Arrepara, Chico Brabo:
dento da muié bonita
hay sêmpe uma muié fêia!

Chico Brabo

Muié que nunca varêia,
não serve prá se querê!

Chico Manso

Chico Brabo, a que varêia
é que faz nós padecê!

Chico Brabo

Muié que nasceu fermosa
deve amá todos os hôme,
mas a nenhum pertencê!

Chico Manso

Mas arresponda: praquê?!

Chico Brabo

Deos fez o Só, Chico Manso,
prá terra intêra aquecê!
Chuva nunca foi catráia,
mas Deos manda que ella cáia,
prá todo mundo bebê!

Chico Manso

Eu não posso te entendê!

Chico Brabo

Eu gosto quando a tapuia
cum seus carinho me impuia!

Chico Manso

Cabôco, tu sois um proza!

Chico Brabo

Gosto da muié marvada,
que é a muié mais caridosa!

Chico Manso

Cabôco, tu sois um proza!

Chico Brabo

Quando uma muié me engana,
é que entonce eu fico proza,
eu fico mêrmo na gana
de garrá nessa turanna
prá dá uma surra de rosa!

Chico Manso

Cabôco, tu sois um proza!

Chico Brabo

Todo o tocadô de viola
que só ama uma muié,
não é hôme, é um caranhóla!
E' um cabra tão disgramado
que inté dishonra a viola!

Chico Manso

O pinho é que nos consola!
Muié só tem azedura!

Chico Brabo

Percura muié runxóla,
que a fermuzura te cura!

Chico Manso

Feardade tem doçura!
Fermuzura não tem fé!

Chico Brabo

Eu gosto da fermuzura,
apois só muié fermosa
é que póde crué!

Chico Manso

Sêje cumo tu quizé!
E' tua destinação!

Chico Brabo

Vae teu pinho temperando,
que as cabôca tá piaçando
prá sapecá no baião!

Chico Manso

Nosso Sinhô apremitta
qué um demônho, um sanharão
não te bóte acagibado
na dô de uma penação.

Chico Brabo

Dêxa de tarrabufado,
rasga a viola no rojão!

Chico Brabo

Eu amei uma curumba,
que era fia da catumba
do Manoé do Riachão!

Chico Brabo

Dêxa de intonceração!

Chico Manso

A roxinha era a sôdade
mais linda deste sertão!

Chico Brabo

Dêxa de sê tafulão!

Chico Manso

Eu gemi tanto no pinho
que ella pagou meus carinho
c'um coice no coração!

Chico Brabo

Coice de muié bonita
é um bêjo de sarvação!

Chico Manso

N'um samba do Zé Totônho,
na véspra de Sant'Antonho,
ella troceu c'um cabôco,
que era um tiradô de côco,
um bóde de arreinação!

Chico Brabo

Óia a Rosa cumo gême,
e Nhátuca cumo trême,
rolando que nem pinhão!

Chico Manso

Ante de rompê a ôrora,
o diabo da iscummungada
c'um sambadô foi-se embora,
não vortou mais no sertão!

Chico Brabo

Não amarróta as cabôca
c'um a tua quebrantação!

Chico Manso

Foi-se embora a minha rôla
nas unha do gavião!

Chico Brabo

Dêxa de ingerimbação!

Chico Manso

Arrespeita, Chico Brabo,
quem saluça cum rezão!

Chico Brabo

Óia cumo a sinhá Panca
saracuteja c'um as anca
no trambecá do baião!

Chico Manso

Isso tudo é um inluzão!

Chico Brabo

Chico Manso, óia a Ritinha
cumo tá tão bonitinha,
que inté parece um jobão!

Chico Manso

Eu conheço essas cabôca,
que eu não sou sarambelão!

Chico Brabo

Vae fazendo meração:
Óia a Tita do Vareza!
Óia a fia da Thereza!
Óia a Thereza Melão!

Chico Manso

Diabo leve a boniteza!
Eu já fui um desgraçado,
mas agora tôu curado,
e mêrmo, tando casado,
já tenho libertação!

Chico Brabo

Óia a Zefinha Sereia,
cumo tá na lua cheia,
prá dá cabo d'um christão!

Chico Manso

Tu te arrepende, cabôco!
Tu tá ahi, tá no fundão!

Chico Brabo

Não me importo cum isso, não!

Chico Manso

Tu já tá no barricão!

Chico Brabo

Eu quero morrerê, cantando,
cum toda a sastifação,
n'um samba ansim me espaiando,
n'uma noite de São João,
nos braço d'uma cabôca,
c'um verso dento da bocca,
e c'uma faca interrada
no fundo do coração...

Chico Manso

Tu qué morrerê cumo o Cão,
pruquê as muié te consôme!
Eu quero morrerê sem nome,
apois se cahí na têia
c'uma muié santopeia,
mais horrive do que a fôme,
tôu contente c'um a sambêia,
que eu juro cum jura e meia,
e juro prú São Jerôme,
que o cabra que se aparêia,
casando cum muié feia,
não tem medo, d'outro hôme...

Catalão:
he, coms em, 8 fotografias:

de Miguel Leves - A
Raimundo Alves.

melhor e de Joaquim
Albuquerque. Mas se
eis, mas se escreve

MANE' COCO

E

(~~Storia~~ BARNABE' ~~di Campagna~~)

~~di Francesco de' Medici~~

~~di Francesco de' Medici~~

MANE' COCO e BARNABE'

Mané Côco

Inda que pru má preunte,
e o sinhô pru má não tome,
me diga de donde vêio,
e a sua graça... o seu nome.

Barnabé

Eu venho do fim do mundo,
e me chamo Barnabé,
e deixei o meu imbigo,
na Villa de Caricé.

Mané Côco

O Sinhô tá parecendo
sê mêrmo de terra alêia!

Barnabé

Eu sou minêro da gêma...
e digo de bocca cheia!

Mané Côco

A sua cara não nega...
cara de semicorchêa...
cum seu cigarro de páia
grudado no pé da oreia!

Barnabé

E o sinhô cum a sua cara
de barriga de cajú,
tá parecendo gaúcho,
ou antão — Géca-Tatú.

Mané Côco

Sou fío aqui destas terra,
minha raça é de cabôco,
já nasci tocando viola,
e o meu nome é Mané Côco.

Barnabé

Apois, seu cabra, se aprume
e segure no repente!

Mané Côco

Vancê garre no seu pinho,
que eu sou bicho rinigente!

Barnabé

Mas não seja capurrêro!
Tire o chapéu indecente,
que isto aqui não é chiquêro!

Mané Côco

Eu não tôu no seu mucambo,
eu tôu aqui n'um terrêro!

Barnabé

Dêxe de sê farduncêro,
não têje cumo muié,
que qué, não qué, mas querendo,
qué, não qué... mas sêmpre qué!

Mané Côco

Muié tem sêmpre rezão!
E' taliquá lagartixa!
Ella diz "sim" cum a cabeça
e cum o rabo diz que "não".

Barnabé

Mas, seu minêro, eu agora
quero mexê cum vancê!
Vou fazê uma pergunta
prô sinhô me arrespondê.

Mané Côco

Eu perdo inté minha vida,
eu dêxo de sé minêro,
se eu não lhe sastifazê!

Barnabé

Ranque o cisco da cachola,
me arresponda... Vamo lá!

Mané Côco

Abre a bôcca, eu só tôu vendo
o que tu vem preguntá!

Barnabé

E' uma coisa munto fáce
d'um sambanga adivinhá!

Mané Côco

Pregunte logo, seu Géca,
que eu lhe quero arrespostá!

Barnabé

Entonce esprema a cabeça,
essa caixa da bestera,
e arresponda sem pensá!

Mané Côco

Vancê parece bahiano!
Gosta munto de falá!

Barnabé

O que é que Deos, sendo Deos,
não vê, nem nunca verá?

Mané Côco

Se é esta a sua pergunta,
o sinhô tá munto má!

Barnabé

Ora, dêxe de muxice,
que o sinhô vae se ingasgá!

Mané Côco

Bestaião, tu me pergunta
o que é que Deos, sendo Deos,
não vê, nem nunca verá?
E' outro Deos cumo Elle,
pruque Deos não tem iguá.

Barnabé

A réposta foi bem dada,
pruque tu prendeu cum arguem,
apois tu só tem cabeça,
pruquê fósfo tem tômbem!

Agora, seu Mané Côco,
eu tômbem vou preguntá!
O sinhô perde o seu pinho,
se na preguntá esbarrá!

Mané Côco

Perdo o pinho, perdo a vida,
perdo a Rosa Canaviá,
uma tapuia fermosa
que veio do Ceará,
e no dia de São Pedro
commigo vae se casá!

Barnabé

Entonce arresponda logo,
não fique a mamparrea!
— Se um dia eu sahi de noite,
viajando, sem isbarrá,
quando o Só viphé nascendo,
onde é que eu devo chegá?

Mané Côco

O sinhô chega nõ ponto,
adonde o Só lhe encontrá!

Barnabé

O sinhô tá maíscando,
mas inda eu vou preguntá:
Se eu fô muntado n'um burro,
perrengue de caminhá,
quando o Só já fô morrendo,
onde é que eu devo chegá?

Mané Côco

O sinhô chega no ponto
que o burro ditriminá!

Barnabé

E quantos pé de capim
póde tê pulas vareda
dos caminho que eu passá?

Mané Côco

Vá brincando na viola,
vá tocando... vá tocando...
emquanto eu fô maginando
prá vê se posso acertá!

(Depois de um minuto, estando sentado, levanta-se de impelo e grita, cantando).

Mané Côco

Tá feita a conta certinha,
mas, prá mió carculá,
o sinhô vae me expriçá
quantos pé de capim verde
o burro e o sinhô cumêro,
ambos os dois a viajá.

Barnabé

Isto é conta mais diffice,
apois ánte de eu passá,
tinha passado pru lá

teus fio, teus páe, teus neto,
teus parente, teus irmão...
uma trupia de burro...
toda a tua geração.

Mané Côco

Cabôco, nós semo burro,
tu é burro, cumo eu sou!
Mas porem se nós prendesse
as letra do anarphabeto,
jogava terra nos óio .
de tudo quanto é doutô!

Barnabé

Tu tá dizendo a verdade!
Juro pru Nosso Sinhô!

Mané Côco

Os doutô lendo nos livro,
não vê Deos, nem póde vê!

Barnabé

E Nosso Sinhô tá dento
d'uma viola a padecê!

Mané Côco

Os doutô leva nos livro
dia e noite a remexê!

Barnabé

E a gente vê Deos cantando
nas penna d'uma irerê!
Deos fez os pássô de penna,
prôs passo pudê gemê!

Mané Côco

Os doutô véve estudando,
prá depois nada sabê!

Barnabé

Os doutô véve nos livro
garrado c'unha de gato
cumo unhêro ou carrapato
no lombo d'um gêguêlé!

Mané Côco

E Deos tá rindo prá gente,
piscando os óio na boca
d'uma fermosa cabôca,
que nem sabê o A. B. C. !!!

Barnabé

E pru falá em cabôca,
hoje hay samba, e samba quente
no arraiá do Pererê!

Mané Côco

Appis vámo caminhando,
cantando pulos caminho,
tudo quanto a gente vê,
taliquá dois passarinho
que prendêu a fazê ninho,
a grogiá, cantá sosinho,
sem nunca prendê a lê!



~~CEARENSE~~
JUCA PERNAMBUCANO
E
~~CEARENSE~~
JUCA CEARENSE

(no palco do
"Cinema Central",
hoje Ed-Dorado.
V. crônica do cinema)

("Journal de Verdade")
P. L. Parreton.

JUCA PERNAMBUCANO E JUCA CEARENSE

Pernambucano

Tempera a tua viola,
que a minha já temperei,
eu devo cantá prêmêro,
pruque te disafieei!

Cearense

Eu venho de cinco legua,
pru via do teu chamado!
Vim cumpri as tuas órde,
que eu sêmpe fui bem creádo!

Pernambucano

Tu vêio de cinco legua,
caminhando sêmpe a pé!
Tu já tá vêio e cansado...
Descansa, se tu quize.

Cearense

Eu caminhei cinco legua,
mas agora te agaranto
que se uma muié mandasse,
eu caminhava outro tanto.

Pernambucano

Eu já tôu te conhecendo
cumo véio prosiadó!
Eu nunca fui caminhêro...
Sou violêro e cantadó.

Cearense

Se sou véio e se sou prosa,
não vim aqui prá prosá!
Abre o peito, sorta o verso...
e vamo as conta ajustá!
Sou fio de Maranguape...
minha terra é o Ceará!

Pernambucano

Eu nunca te pedi nada,
prá agora tu vim cobrá!
Se a conta é feita nas corda,
tu tem munto que pagá!
Sou fio de Pernambuco...
naturá de Jatobá!

Cearense

Tudo o que eu perdê, te pago!
Meu rapaz, dêxa de chôro!
Eu trago munto dinhêro,
se o verso tem pêzo de ouro!

Pernambucano

Quem é que vê sem tê pena
um gallo véio brigando
c'um frango novo, que agora
os esporão vem botando?!

Cearense

Tu tá dizendo a verdade,
tu não tá brincando, não,
tu tem crista de franguinho...
cuidado cum os isporão!

Pernambucano

Se a briga é só cum as viola,
do isporão não me arrecêio!
Cum um frango briga outro frango,
cum um gallo véio outro véio!

Cearense

Quando é musgo, um gallo musgo,
emquanto a voz não perdê,
só cum outro, gallo musgo
é que se póde batê.

Pernambucano

Dêxa de prósa, cearense,
vae cantá. c'os aribú,
que eu não vou cantá cum hôme
fêio e véio cumo tu!

Cearense

O que tem a feardade
cum a nossa improvização?!
O fêio véve na cara,
e o verso, no coração!

Pernambucano

Cearense, vae já te embóra,
que hôme véio eu não dizanco!
Eu tôu cum os cabello preto,
tu tá cum os cabello branco!

Cearense

Tu tá cum os cabelo preto!
Não tem luz prá lumiá,
e eu tôu cum a cabeça branca,
que inté parece o luá!

Pernambucano

A véice é cumo a lua,
que tem a luz munto fria!
E a mocidade, meu véio,
é a luz do Só, que é do dia!

Cearense

Pernambucano, arresponde:
quando o Só começa a ardê?
E' quage a boca da noite,
quando já tá prá morrê!

Pernambucano

Cearense, tu já tá véio,
tu tem oitenta jahêro!!
Tu já tá me parecendo
um gallo véio e banzêro!

Cearense

Mas porém, se vê gallinha,
passando no seu terrêro,
se alevanta, bâte as aza,
canta, e desce do polêro.

Pernambucano

Cearense, a tua viola
já tá munto rôxóxo!

Cearense

A viola quando inveiêce,
é quando fica mió!

Pernambucano

Teu coração não respira,
não tem mais agitação!

Cearense

Bóta a mão aqui no peito,
e sente a parpitação!

Pernambucano

Esse bicho já não bate!!...
Dêxa de caducação!

Cearense

Tu é munto moço ainda,
mas tu não me vence, não!

Pernambucano

Vae vivendo da Esperança,
que é dos véio a sarvação!

Cearense

Eu vivo só cum a Sòdade,
que é uma véia já de idade,
e não tem mais inluzão!!
A Esperança é munto moça,
e muié moça cum véio,
bóta o véio no surrão!!!



**BERA D'AGUA
E
BEMTEVI**

BERA D'AGUA E BEMTEVI

Bêra d'Agua

Bemtevi, rompe a viola,
me arresponda, pru favô,
me diga repentemente,
pruque é que Deos fez o amô?

Bemtevi

Bêra d'Agua, eu te arrespondo,
que isto é munto naturá!
Deos fez o amô prá nós tudo,
vivê no mundo a cantá!
Sem o amô, a humanidade
se tinha de se acabá!

Bêra d'Agua

Bemtevi, fala mais arto,
magina outra ixpricação!
Esta é munto camumbembe,
não tá dento da rezão!

Bemtevi

E' praque tu, Bêra d'Agua,
não ama cumo Deos qué!
Eu só amo uma cabôca,
tu ama toda as muié!

Bêra d'Agua

Tu só ama uma cabôca,
praque tu não sabe amá!

Bemtevi

Bêra d'Agua, abasta um pinho
prá gente pudê cantá!
Eu só tenho esta viola,
e canto de noite e dia,
canto inté Manoé chegá!

Bêra d'Agua

Eu saluçõ em quarqué pinho,
praque Deos me fez violêro.

Bemtevi

Eu só tenho um amorzinho,
e um amô, que é verdadêro...
Eu sou cumo o passarinho!...
Não sou gallo de terrêro.

Bêra d'Agua

Foi prá amá toda as muié
que Nosso Sinhô nos fez!
Quem pôde amá quatro ou cinco,
é mais hôme do que os outro
tres ou quatro ou cinco vez!

Bemtevi

Amô ansim repartido
não vale coisa nênhuma!
Fazendo as conta, só fica
um tico prá cada uma!

Bêra d'Agua

O coração do violêro,
se é cantadô caborê.
pôde botá dento delle
tudo quanto fô muié!

Bemtevi

Coração desse tamanho
não é mais um coração!
Não pôde! E' baianação!

Bêra d'Agua

Cumo não pôde, se eu trago,
dento d'elle, todo intêro,
Deos, que é o rei da Creação?!

Bemtevi

Eu amo um Deos, que é do céu,
e uma muié, que é da terra,
e o coração não qué mais!
A cabeça ispinloncada
é que anda sêmpe adoídada,
e nunca se sastifaz!

Bêra d'Agua

Póde sê viuvo ou casado:
um cantadô, um violêro,
que se elle vê uma saia,
tá cum o coração sortêro!

Bemtevi

Um hôme ansim é farróia,
tem arma incapavirada,
e quando elle dá o inzêmpo,
a muié fica ensinada.

Bêra d'Agua

A muié impúia a gente,
sem mêrmo sê enganada!

Bemtevi

Bêra d'Agua, isso é mentira!
A muié tem gratidão!

Bêra d'Agua

Bemtevi, tu tá bestando!
Tu parece sê capão!

Bemtevi

Ama só uma costella,
e prende entonce a vivê!
A famía, Bêra d'Agua,
é coisa que dá prazê!

Bêra d'Agua

A famia é uma lambança,
e o diabo póde fazê
a viola virá xendêgue,
prá a gente niná creança!

Bemtevi

A famia é uma cantiga
que a gente nunca sê cansa.

Bêra d'Agua

Eu varêio a toda a hora,
quando vejo a cabocada!
Não hay muié que não fique
aqui nas corda inforcada.

Bemtevi

Bêra d'Agua, Bêra d'Agua...

Bêra d'Agua

Quá Bêra d'Agua, quá nada!
Tu diz que eu sou pru muié
cumo aribú pru difunto!
Apois me diga pru junto,

fique quétó, se confêsse,
e diga, sem tutubeio,
cum que á muié se parece.

Bemtevi

D'uma só lapinguaxada
lhe confesso, sem favô,
que toda muié fermosa
se parece c'uma frô!

Bêra d'Agua

E das frô que tu cunhece,
diga-me lá, se é capaz,
quá dellas é mais bonita,
a frô que tu gosta mais?!

Bemtevi

Tu me poz na dependura,
apois toda frô bonita
tem belleza e fermuzura!

Bêra d'Agua

Tu falou cum saberença,
cumo se fosse um doutô!
Mas porem inda eu te peço
que me diga, sim, sinhô,

quá foi a frô mais fermosa
de todas que Deos criou?!

Bemtevi

Eu te digo, Bêra d'Agua,
que eu amo todas as frô!
Toda a frô é linda e bella,
e eu gosto de todas ella!

Bêra d'Agua

Tu já cahiu na esparréla!
Apois, se a frô é muié,
e a muié tômbem é frô!...
Se tu disse que tu ama
toda a frô cum o teu amô,
não métte as mão pulos pé,
dizendo ansim que o violêro
ame só uma muié!!!

Bemtevi

Mas porem... na cerconstança...
só prá não fazê rudio...

Bêra d'Agua

Bemtevi! Aquéta! Amansa!
Tu perdeu o desafio!

Bemtevi

Mas inda quero cantá,
pruque inda tenho garganta!

Bêra d'Agua

Gallo vencido não canta!

Bemtevi

Mas se é hôme, não se espanta!

Bêra d'Agua

Difunto não se alevanta!

Bemtevi

Apois bem! Perdi! Perdi!

Bêra d'Agua

Vae-te embora, que eu venci!
Não leva rêxa nem mágua,
que eu tôu te esperando aqui!

Bemtevi

Eu vortarei, Bêra d'Agua!

Bêra d'Agua

Se Deos quizé, Bemtevi!!!...

**FORTUNATA COIVARA
E
ZE' PERIQUITO**

FORTUNATA COIVARA E ZE' PERIQUITO

Periquito

Sá Fortunata Coivara,
me arresponda e não atême,
me diga quem é mais fixe,
se hôme macho ou muié fême.

Coivara

Dêxe de sê patureba,
não sêje sarambelão,
que tu bem sabe que o hôme
é bicho sem coração!

Periquito

E' bicho sem coração,
vasmicê diz munto bem,
mas o hôme tem cabeça,
coisa que a muié não tem.

Coivara

Piririguá!... Periquito!...
tu tá dizendo a verdade!
Mas se o hôme tem cabeça,
é só prá fazê mardade!

Periquito

Eu nunca vi carrapato
botá caxo na raiz,
nem muié, mérmo jurando,
té rejume no que diz.

Coivara

Se o hôme fosse criado,
cumo a muié foi criada,
não havéra neste mundo
uma muié desgraçada.

Periquito

Eu nunca vi sirigóla
casada cum bacuráo!
Se a muié virasse hôme,
não havéra um hôme máo!

Coivara

Cala a bocca, seu broxóte,
que se o hôme fosse bão,
não botava Jesú Christo
no meio de dois ladrão!

Periquito

Fecha a bocca, sirilúia,
catimbóia, cureré,
que o fio de Deos foi hôme,
e hôme foi São José!

Coivara

O fio de Deos foi hôme,
foi um sancto e foi fié,
prá nacê, naceu sem hôme,
mas não naceu sem muié!!!

Periquito

Cala a bocca, tarapêma,
tanajura, cubatã,
que eu tôu pagando os peccado
de tu comê a maçã.

Coivara

E' mais mió não falá,
no Divino e no Sagrado,
que a tua lingua judia
tá chênha de peccado.

Periquito

Se eu tôu cheio de peccado,
tu tá cheia de friúra,
e boi sôrtto, iscrementado,
sabe a cerca que elle fura.

Coivara

Sabe a cerca que elle fura,
mas porêm tá no cráúá!
Tu nunca ha de achá no mundo
muié prá tu te casá!

Periquito

Fecha essa bocca, tarasca,
pinica páu, pereréca,
novio tórto é matrêro,
pau de dois s.s. é rebéca!

Coivara

Páu de dois s.s. é rebéca,
e eu sei quebrá patuá,
mas tu não acha no mundo
muié prá tu te casá.

Periquito

Eu sou cumo Deos me fez,
mas porêm não sou pacaia,
não naci prá boi de coice,
nem cavallo de cangáia!

Coivara

Deos já te fez periquito,
pruquê te fez risinguênto,
apois tu, nem prá desgraça,
sabe o que é o casamento!

Periquito

O casamento é um chiquêro,
que se vira em cangapóra!

Coivara

O casamento é chiquêro?
Pruquê? Me arresponda agora!

Periquito

Eu te ixprico o pensamento!
O que assucêde cum os pôrco,
cum motivo do chiquêro,
cum os casado e cum os sortêro,
assucêde a toda hôra:
“o de fóra qué tá dento,
e o de dento qué tá fóra.”

Coivara

Crédo em Cruz! Deos de castigue,
cabrocha mão, capurrêro!
Tu ha de vivê, mardicto,
sênpe só, sênpe sortêro!

Periquito

O hôme é cumo a viola,
que prá toca nas folia,
deve tê munta toada!
Apois a musga tocada
todo dia, todo dia,
fica logo “acanaçada”!

Coivara

Óia: a praga que eu te rogo
é sêmpe a mêmia a rogá:
dêxa-te stá, jacaré,
que a lagôa ha de seccá.

Periquito

Não péga fogo, Coivara,
que nós póde vivê juncto,
apois eu vendo muié,
fico cherando a difunto.

Coivara

Periquito, hôme mardicto!
um dia tu pagará!
“Quem a paca cara compra,
cara a paca pagará”!

Periquito

Cara a paca pagará,
é este o teu pensamento!
— “Um sapo dênto d'um sacco,
— o sapo batendo o papo,
— o papo inchando no sapo,
— e o sacco cum o sapo dentol!”

Coivara

Rabacué, rafanéa,
cabra de bróxa e de faxo,
eu nunca vi cum meus óio
coisa pió do que hôme macho!

Periquito

Toda muié qué sê hôme,
e eu não sei lá praque é,
mas nunca encontrei um hôme
que quizesse sê muié!

Coivara

A lagôa ha de seccá...
Dêxa te stá, jacaré.

Periquito

Minha lagôa, Coivara,
não séca, tá sêmpe cheia!
Muié não brinca cummigo,
e, se brincá, leva pêia.

Coivara

Eu mamei leite de vacca,
na portêra do currá!
Dêxa te stá, jacaré,
que a lagôa ha de secá.

Periquito

Eu vou mandá inscrevê
tua praga n'um papêu!

Coivara

Tu vae dereito prô inferno,
eu vou dereita prô céo!

Periquito

Eu trimino o desafio,
cum dois pé de verso forte!

Coivara

A muié foi sêmpe a vida,
e a vida foi sêmpe a sorte!

Periquito

A muié dá sêmpe a vida,
mas, despois, dá logo a morte!

Coivara

Cala a bocca, Pé de Pato,
derrengadô farduncêro,
que o hôme é que faz a morte,
apois o hôme é um covêro.

Periquito

Isto é coisa munto véia,
já não é mas coisa nóva!
E cum mais dois pé de verso,
esta verdade se prova:
Deos fez do hôme um covêro,
e da muié, uma cóva...

Coivara

Se eu sou cóva, Periquito,
faz de mim o teu covão,
morre logo e te sipurta
dento do meu coração.

Periquito

Guarda lá teu coração,
que eu não percizo de esmóla!
Quando eu morrê, me sipurto
dento da minha viola.

Coivara

Periquito, tem piadade!
Dêxa de sê gingaião!
Periquito, o amô não morre,
quando vem do coração!

Periquito

Amô é cumo um cabresto,
que se bóta no mumbávo,
que a gente quizé mais bem!
E' percizo tê capricho!
Quem não quizé tê rabicho,
não tenha amô a ninguem.

Coivara

Eu trimino esta peleja,
cum o que lhe vou preguntá!
Dou tres bejo e tres abraço,
se o Sinhô me arrespostá:
“Adonde é que táva o hôme,
“sem a muié?... diga lá”.

Periquito

Sem a muié, lhe arrespondo,
e cum esta findalizo:
— o hôme táva inda hoje
— vivendo no Paraizo. —

(Pausa, emquanto ella fica silenciosa e indecisa).

Periquito

Agora, sinhá Coivara,
cumpra já sua preméssa,
dando um bêjo prá nós dois!

Coivara

(Retirando-se e olhando para Periquito)

Periquito

Divagá! Não tenha pressa!
Isso fica prá depois!

Periquito

(Vendo-a sumir-se, canta, enquanto lentamente desce o velário).

Meu São Francisco das Chaga,
meu Santo do Canindé,
diabo leve neste mundo
quem se mette cum muié.

BACATUBA
E
SIBIA

A. S. S.

BACATUBA E SABIA'

Bacatuba

Minha viola morena
é uma gaiola de pinho
adonde canta e saluça
tudo quanto é passarinho.

Sabiá

Toda a viola foi arve
que o machado derribou,
prú via disso ella canta
o que dos pássos escutou.

Bacatuba

Isso é mintira, é paleio!
Dêxa de sê bobaião!
A viola só acumpanha
O choro é do coração.

Sabiá

Eu te digo e te arrepiro
que a viola, sim, sinhô,
já foi arve e agora canta
o que dos pássos escutou.

Bacatuba

Sem os dedos que nas cordas
sabe gemer com carinho,
que seria da viola?
Gaiola sem passarinho!

Sabiá

Seu Bacatuba, um violêro
como é tu, que eu não sei, não,
não martrata uma viola
que tem arma e coração.

Bacatuba

Se eu martratasse a viola,
inda tinha duas mãos
prá pedir perdão às cordas,
fazendo a minha oração.

Sabiá

Não fala em reza, marvado!
Tu nunca foi rezadô!
Tu nem sabe o Padre Nosso!
Tu nega Nosso Sinhô!

Bacatuba

Cala a bocca, seu brochote,
que inté eu posso jurá,
que nem mermo prú desgraça
tu sabe o “Pelo Sinhá”!

Sabiá

Eu amo tanto a viola,
minha dô, minha alegria,
cumo adoro, canto e rezo
á Santa Virge Maria.

Bacatuba

A viola que eu mais adoro,
a mais fermosa que eu vi,
é um coração de cabôca,
que não tá longe d'aqui.



Sabiá

Reboque de ingreja véia,
veneno de carcavé,
quem gosta d'um bicho feio
cumo tu, não é muié.

Bacatuba

Essa cabôca é xuntosa
de fazé assombração,
mas porem essa cabôca
não é prá teu beijo, não.

Sabiá

Cara de "mama na egua",
feio, que inté faz doê,
adonde móra essa bicha,
que eu quero agora sabê.

Bacatuba

Seu cantadô, sungue a venta,
arreganhe o seu fucin
e percure uma tapuia
que tem chêro de jasmin.

Sabiá

Eu nunca fui chêra-chêra,
nem tão pouco chêradô!
Amostra essa fermuzura!
Dêxa de sê merredô!

Bacatuba

Eu só te digo uma coisa,
seu cabra ingerimbadô,
e que essa fulô dos matto
tem o nome d'uma frô.

Sabiú

Gingongo, gallo infeitado,
rabo de couro incrizado,
cospe fóre e abre a bocca
prá dizê cumo se chama
o nome dessa cabôca!

Bacatuba

Seu cabra, eu não tenho medo
da cobra mais venenosa!
Essa cabôca se chama
Jovita Bocca de Rosa!

Sabiá

Narigão de aribú-tinga,
pé de onça comêdêra,
cabeça de camiranga,
cara de segunda-fêra,
se tu é macho, arrepete,
arrepete, sem demóra,
o nome dessa tapuia,
esse, que tu disse agora,
que eu te metto a mão na bocca
e ranco essa lingua fóra.

Bacatuba

Jovita Bocca de Rosa,
eu te arrepeto, mafião!

Jovita Bocca de Rosa,
de rosa ainda em botão!

Jovita Bocca de Rosa,
mais uma arrepetição!

E agora me ranca a lingua,
que eu te ranco o coração!

(Ambos puxam a fâca e ficam se olhando com rancor, enquanto, lentamente, vem descendo o velario).

O QUE É A MULHER

(A mulher de todos nós)

INTRODUÇÃO QUE DEVE SER LIDA

Estamos no terreiro de uma Fazenda, proximo da "Casa Grande", onde, com uma esplendorosa festa, commemora-se o dia natalicio de N. S. da Conceição.

São numerosos os convidados, vindos de todas as capitaes, villas, arraiaes e povoações. São innumeros os convidados, porque o fazendeiro goza de extraordinaria popularidade.

O casarão, a vivenda está vasia. Os devotos e devotas saíram, acompanhando a procissão, que, depois de percorrer o itinerario sertanejo, se recolherá, pela noite, á Capellinha.

Reunidos nesse terreiro, encastoadado entre os verdos de viçoso laranjal, ficaram varios personagens, os quaes, sem excepção de nenhum, e por unanime accordo, vão dizer, em simples palestra para matar o tempo, até a volta da procissão, o que pensam a respeito da mulher.

O julgamento será feito dentro da profissão ou condição do julgador.

Tirada a sorte, para que cada um falasse por sua vez, coube o primeiro lugar ao juiz. Houve apenas uma excepção: o poeta, que falará por ultimo, começando ao cair da noite, e terminando quando a procissão recolher-se á egrejinha.

JUIZ

Onde estaria o homem se Deos não tivesse creado a mulher?

No Paraiso.

Mas o Paraiso seria um deserto!

CRIMINALISTA

Qual é mais criminoso, o homem ou a mulher?

O homem.

E quem se julgar offendido, remexa na sua consciencia, consulte o seu coração e me atire a primeira pedra.

HISTORIADOR

Serei breve, como os illustres julgadores, que com tanta sabedoria expenderam a sua opinião.

Quereis a minha opinião sobre a mulher, seja qual fôr? Mostrae-me os vestidos que ella vestiu durante toda a sua vida, e eu escreverei a sua historia.

FUNCIONARIO PUBLICO

Só poderei dizer bem da mulher, pois que a minha é uma santa. Os affazeres da repartição ficam muito longe das canseiras do lar, dos cuidados domesticos, de todos esses tormentos e martyrios da minha consorte!

Coitada!! Nove filhos! Que desgraça! E' uma riqueza bem difficil de conservar! Não sei quando Deos quererá me dar a aposentadoria da paternidade, pois a do governo só espero no dia em que me tornar proprietario de uma cova raza e entrar triumphalmente pelas aléas de um cemiterio, onde burocraticamente repousam as cinzas dos eternos aposentados da Morte.

ASTRONOMO

A mulher é um planeta. Não tem luz propria. Vista de longe, com o telescopio da illusão, é como a lua. Encanta! Mas, de perto, é um astro morto, sem vida. Ainda assim, ella é e será o sol do nosso systema planetario. Quando não exerce a sua attracção sobre o homem, elle, fatalmente, dispersa-se nas profundezas do Nada.

RELOJOEIRO

A mulher é como o relógio. Às vezes, um de alto preço não regula, não vale nada, quando outro, barato, são um bello regulador. É questão de sorte. Comtudo, penso que não lhe devemos dar corda demais. Ahi está todo o segredo.

PHARMACEUTICO

A mulher cura tudo! É o allivio de todos os males, de todos os soffrimentos! É uma pharmacia! Mas não passa de uma droga.

JURISTA

Adoro a minha mulher. É uma excellente companheira. Verdade é que se revela um tanto caprichosa, pois, sendo eu um jurista, o homem da Lei, e, alem disso, um velho professor de Economia Politica, ainda não consegui fazel-a economica no ministerio do Lar. O direito e a Lei não foram feitos para o sexo fraco, que é, no entanto, o mais forte.

A mulher tem sempre razão, de onde se conclue

que a nossa Eva escreve o Direito como Deus, o supremo Jurista: — por linhas tortas.

NEGOCIANTE DE MODAS

A minha casa de negocio é parecida com uma colmêa, para onde as vossas excellentissimas consortes trazem o ouro, o mel dourado do vosso trabalho. Felizmente ou infelizmente, tambem sou casado! Não tenho queixas de minha companheira. Mas... como julgar a mulher? Antes, vos pergunto eu: que é a Moda?

A Moda, para mim, é uma divindade despotica e soberana, que dá leis, na certeza absoluta de ser servilmente obedecida. Vale-se de tudo: do bello, do feio, do extravagante, do espalhafatoço, e, até do... pouco decente! Hoje, ordena uma coisa. Amanhã, por um capricho, condemna o que ordenou no dia anterior e assim por deante, não sendo de admirar que dentro de pouco tempo torne a renovar com grande alarme aquillo que, como implacavel dictadora, reprovou.

Eis a Moda!

Eis a mulher.

JORNALISTA

A mulher é um jornal.

E' um artigo de fundo, uma novella, uma chro-

nica, um conto, uma tirada de humorismo, um furo sensacional de suicidio ou assassinato, tudo, emfim, que um diario deve conter. Como um jornal, é capaz de alcandorar um homem ao pinaculo da gloria, ou sepultado no barathro do descredito!

Faz de um pobre diabo um deputado, um diplomata, um academico, um ministro, e até um presidente de Republica, assim como tem prestigio para descel-os dessas alturas, por um simples capricho feminil!

A minha é apenas um jornal do governo, e o governo sou eu. Quem a tiver como um "pasquim", console-se com a sua "politica", pois que esses são os precalços da imprensa e do matrimonio.

ESCULTOR

A mulher é a maravilha das maravilhas, mas hoje só me apaixono pelas minhas esculturaes, que nunca me trairão. A admiração só é pura sem amor.

O meu ultimo trabalho é o busto de uma mulher dolorosa.

Se lhe visseis os olhos tristes e a physionomia dolorida, affirmarieis que chora! Parece que, estrangida por um grande martyrio, vae derramar uma cornucopia de lagrimas!!

Parece... mas toda aquella "sensibilidade" de marmore não sente, não tem vida!!

Eis a mulher.

Já me apaixonei por uma Venus de carne e basta!

Permitta Deos que o illustre musico e o illustre pintor sejam mais venturosos do que eu na adoração do Bello.

MUSICO

A mulher é uma successão de accordes dissonantes, que ninguem póde resolver. O amor começa sempre em tom maior e acaba sempre em tom menor. Começa caloroso na clave de "sol", e termina lamentoso na clave de "dó".

Mas o sorriso, o desdem, o escarneo tudo é musica nesse demonio musical.

Que muito é que nos arraste ao abysmo, se ella é uma sereia?! Que importa que uma nos desafine o coração, se logo outra vem afinal-o? Que outro diga o que é a mulher, essa musica divina, cujo rythmo ainda não foi bem conhecido pelos grandes mestres das vibrações psychicas.

O PINTOR

A mulher é uma miragem! De longe, encanta; de perto, desillude, como, ha pouco, disse o grande as-

tronomo. A' distancia, é um quadro maravilhoso! Mas, quem delle se aproxima, não vê mais que uma fumarada. Devemos vel-a, sempre de longe.

Em opposição ás regras da optica, ella diminue as suas proporções, á medida que della nos aproximamos! Contudo, senhores, eu adoro-a e de alma ajoelhada, hei de soffrer por todas as mulheres, pois que de soffrimentos vivemos nós, os seus pacificos adoradores.

PHILOSOPHO

Socrates, mestre de Platão, foi o pae da philosophia.

Xantippa, sua mulher, geniosa, atrabiliaria e ferina, será eternamente o emblema da philosophia invertida de todos os philosophos do mundo!!!

RADIOLOGO

O maior defeito dos homens é a concupiscencia. Só olham para a mulher com o fito de saber se é conquistavel, se é formosa, sem examinal-a com o raio X da sua intelligencia, que só este lhe fará ver o Anjo, que está dentro de todas ellas!

UM ACTOR COMICO

Senhores, eu vou dizer uma porção de bobagens. E vou começar.

Tudo o que se tem dito sobre a senhora Eva está errado.

A mulher é um catavento! Só pára, quando se estraga!

Concordo com o pintor, quando disse que devemos admirar a senhora Eva de longe. O homem é feito de estopa; a mulher é feita de brasas: o diabo sopra e já sabeis o resto! Nunca me casarei! Eva é uma creança, gosta de presentes e amor que se nutre de presentes, está sempre com fome! Não me casarei, porque o homem casado tem de aturar duas Evas: — a Eva esposa, e a Eva sogra! Só me casaria, se fosse Adão. Adão foi o homem mais feliz deste mundo: não teve sogra!! Mais constante do que eu não ha ninguem.

Sei amar de véras! Já fui louco por muitas mulheres que agora nem posso ver! Foram bonitas, é verdade, mas hoje são bellissimos canhões!!

Como ellas mudam!!!

A mulher é uma comedia ou uma tragedia?! E' comicamente tragica e tragicamente comica.

TRAGICO

Comedia para uns, tragedias para outros! Penso como o illustre comico que acabou de falar.

Nunca me casarei. O meu lar é o palco, é o proscenio.

Com tantos papeis que tenho representado: perfidias, crueldades, traições, esquiumes mais hediondos, gerados pelo amor, pela ambição e pela vaidade, — seria eu um louco, meus senhores, se me casasse!

O theatro é uma escola! E repetirei: o meu lar é o palco.

A mulher me tráe, mata-me, eu a estrangulo em plena scena! Terminada a representação, tudo fica em paz! A Mulher que eu assassinei ou que me assassinou, segue para um lado, eu sigo para outro, cada um procurando o seu destino.

Como tragico, já tendo representado tantas tragedias imaginadas, tenho medo de ser um dia o actor, a victima cruenta, o protagonista de uma tragedia real!!

MILLIONARIO

Fui rico! Fui riquissimo! Esbanjei uma fortuna, e fiquei conhecendo as mulheres! Por um golpe repentino da sorte, empobrecei, e fiquei conhecendo os homens! Hoje, com o favor de Deus, readquirida a fortuna que perdi, conhecendo profundamente elles

e ellas, ambos me são indifferentes. Com esta artilharia, infantaria e cavallaria do dinheiro, não combato. Chego, vejo e venço!

MINERALOGISTA

Gosto mais de estudar que de falar. Em todo caso, como não quero ser o unico silencioso nesta reunião, direi o que julgo ser preciso para conquistar uma mulher!

São tres coisas:

Um sacco de ouro!

Uma cara de ferro!

E um coração de bronze!

PROFESSOR DE LOGICA

Voto a favor das mulheres, mas contra o "Bello Sexó".

Em mil mulheres ha uma formosa, duas bonitas, tres soffríveis e 994 "canhões".

A formosura é tão escassa, que quando apparece

uma mulher, como Phrynéa, o seu nome fica na historia! "Bello Sexo"?!
Não!! "Sexo Feio".
Sejamos logicos.

BOTANICO

A mulher é uma flôr. E' uma phrase cansada, mas não podia deixar de empregal-a, como botanico que sou. Quando a vejo ao lado de um homem de sciencia, de um sabio ou de um artista, imagino estar vendo uma orchidêa, enfeitando o tronco gigantesco de um desses gigantes das nossas florestas, com as suas flôres meigas e delicadas, como delicadas e meigas são todas as flôres que florescem a terra.

JARDINEIRO

Sou ignorante. Não sei ler. Mas a companhia das flôres me tem feito um tanto poeta.

Este senhor que acabou de falar, disse, como um sabio, que a mulher é uma flôr.

Eu cá, como analphabeto, digo mais: a mulher é um jardim.

E, se é um jardim, todo homem deve ser um jardineiro.

FLORICULTOR

O senhor botânico afirma que a mulher é uma flor e o senhor jardineiro, estendendo a comparação, afirma que a mulher é um jardim. Estou convencido disso, pois quando vejo uma mulher decaída, logo digo de mim para mim: “mais uma flôr que foi pisada por um homem”.

UM IMPROVISADOR DO SERTÃO

Se vasmincês dá licença
prá mim falá dessa bicha,
faço esta cumparação: —
A muié, que é mêrmo o diabo,
é taliquá lagartixa!
Quando diz — sim — cum a cabeça,
tá balançando c’u rabo,
e tá dizendo que “não”.
Agora o hôme eu cumparo
c’um murcêgo! E’ taliquá!
Se péga a muié, assopra;

chupa, chupa, inté fartá,
e quando não têm mais sangue,
runfa as aza, cáe no mangue
e outra muié vae chupá.

Vasmincês póde á vontade
mettê as mão pulos pé,
que se a muié é veiáca,
mais veiáco o hôme é!
Seus doutô, que sabe tudo,
entenda cumo quizé.

PRIMA DE OURO
(*Cantador repentista*)

Eu vou cantá uns pé de verso, prá dizê a vasmin-
cês o que eu jurgo de todas as muié, daqui e do outro
mundo.

“Tu não tá vendo a lagôa
daquella baxa... acolá?
O'ia: chega na rebêra,
espia, que tu verá
a cara da tua cara
lá no fundo a te espiá!
Imquanto tu tá oiando,
ella tá sempe a te oiá!
Mas quando tu te arretira,

garogotó!... Nem siná!
Aquillo que fez cumtigo
faz cum outro que vinhé!
Apois, óia, essa lagôa
é o coração da muié!!!

LATINISTA

(O latinista é o poeta Julio Barata, presente á reunião).

Ecce quod de mulieribus sentio.

“Vallis ubi viridis ridet, sub tegmine lympha

“Incubuit: placidas umbra retexit aquas.

*“Hoc liquido corpus speculo mirare, viator,
quo poteris faciem rite videre tuam.*

“Ne capiare tamen: quæ te de more reflexit

“omnia non aliis aspicit ora modis.

“Femineum vidisse scias sub imagine pectus,

“nam quod aqua haec vultu, femina corde facit.”

ACADEMICO

Então os senhores desejam que eu apresente o meu voto á individualidade que originou esta nossa

pittoresca reunião? O momento é opportuno. Aco-
de-me uma comparação muito feliz.

O meu voto é imparcial e sincero, como ides ve-
rificar.

Por ser um dos seus membros mais insignifican-
tes, comparo a mulher á Academia de Letras. Todos
lhe jogam pedras e todos a namoram.

Pois a Academia não é realmente uma mulher?

Aquella farda quixotesca, que parece uma fanta-
sia de carnaval; aquelles florões dourados; aquelle
chapeu comicamente bellico; aquelle espadim afemi-
nado; toda aquella comicidade não é tal qual a "sym-
bolização" de uma buliçosa coquette? A Academia
de Letras; meus senhores, é uma coquette. E por ser
coquette, preza mais os pelintras que os homens de
legitimo valor. A's vezes prefere dar entrada a um
pelintrote pela porta dos fundos, a receber um va-
rão austero pela sala de visitas. A Academia gosta
de ser requestada, gosta de cumprimentos, gosta de
phrases doces e banaes, gosta de salamaleques, de
jantares, de tudo que lhe espicace a vaidade mulheril.

Em tudo, absolutamente em tudo, a mulher é
uma Academia de Letras. De onde se conclue que a
Academia não é conquistada pelo talento. E' uma
questão de manha, é uma questão de geito. Quem
conquista a Academia, meus senhores, não gasta.
Recebe. Tem o "jeton". Gasta-se dinheiro ou ener-
gia galanteadora, emquanto a gente não está lá

dentro. Depois da “ficha” conquistada, o conquistador transforma-se numa especie de proxeneta.

Como academico, não posso deixar de ser um grande apreciador das mulheres, que, além de tudo, foram as ineffaveis protectoras de muitos dos meus collegas.

AVIADOR

Eu fico do lado dos que elogiam a mulher. Por que? Porque o homem é um aeroplano.

A sciencia da Aviação tem feito prodigios e estupendas maravilhas!

Só uma coisa não fará: dominar as forças invenciveis.

Para dissipar as suas recusas, é mister insistir, é mister bajular. E' perder o acanhamento e a vergonha! Se ella não cair na primeira tentativa, cairá na terceira, na decima, na vigesima.

O homem, o eterno aviador, tudo vencerá, menos a mulher, mais invencivel do que as procellas, tempestades, temporaes, borrascas, furacões, tufões, vendavaes, aquilões... mais invencivel do que todas essas furias da natureza, desencadeadas contra esse aparelho tão fragil, essa pequenina casca de nóz — o homem!... o avião!... o aviador!

ARCHEOLOGO

Pois eu, meus senhores, emquanto moço, sempre tive pavor da mulher. Tenho 75 annos, estou casa-

do ha tres annos apenas e matrimoniei-me com uma velha quasi da minha idade. E por que? Porque era o unico meio de estudal-a dentro da minha sciencia: a Archeologia. Sou coherente e, por isso, dou-me bem com a excellente vida de casado.

PSYCHOLOGO

Os senhores vão ter uma grande decepção!! A montanha vae parir um rato! A psychologia é uma grande sciencia e o psychologo, um grande conhecedor d'alma humana!

Depois de um longo e profundo estudo, cheguei a esta irrefragavel conclusão: — nem o homem conhece a mulher, nem a mulher conhece o homem! Sendo isso um axioma, porque vivem a falar um do outro?!

Quem foi o creador da alma humana? Foi Deos!

Desde que o mal não tem cura, que ambos se estimem, resignados.

E termino com uma pergunta: se o ideal do homem é encontrar uma mulher perfeita, qual será o ideal da mulher?!

ATHEU

Não creio em Deos, e creio numa deusa: a que está sendo julgada neste tribunal.

Creio nella, porque ella existe. Vejo-a com os meus olhos e apalpo-a com as minhas mãos.

Sei que ella tem azas e garras como o demonio. Sei tambem que ora é uma féra, ora uma pomba mansa. Ella é a unica divindade deste mundo e de outros que possam existir.

Deos, se fosse um estheta, um adorador do Bello, teria pedido aos seus algozes que em lugar de o crucificarem nos braços de uma cruz, o crucificassem nos braços cariciosos, nos braços divinos de Magdalena.

Como apreciador de todas as Magdalenas, ajoelho-me a seus pés.

OCULISTA

Senhores! Dizem que o Amor nasce dos olhos! Será isto uma verdade?!

Dizei-me: os cégos tambem não amam?!

Não! O Amor nasce dos olhos do coração e d'alma.

A mulher é sempre boa, mas precisamos de cem olhos para guardal-a.

E quantas vezes não temos necessidade de fechar esses cem olhos para não vermos o que estamos vendo?! Quantos homens, existem com cem olhos e, no emtanto, se fazem de myopes!!

Meus senhores: quando a mulher abre os olhos, todo homem fica cêgo!!!

NEGOCIANTE DE BRINQUEDOS

A mulher é e será sempre uma creança.

Mas uma criança do avesso!

Quem quizer saber de quem uma creança gosta mais, faça assim: dê-lhe um brinquedo, e depois veja a quem primeiro essa creança vae mostrar esse brinquedo! Pois é essa a pessoa de quem a creança gosta mais. Agora, dê um presente de valor a uma mulher. A pessoa, a quem primeiro ella fôr mostrar esse presente, é a pessoa a quem ella mais odeia!

Falei mal, mas, como sou bem casado, dou minha opinião a favor dellas.

JOGADOR

As mulheres são como as suas irmãs: a Dama de espadas, de paus, de copas e de ouros. Estas, as do baralho, são melhores, porque ás vezes nos recebem com as mãos vacias, e nos enchem de dinheiro! As outras só nos acariciam, quando trazemos a bolsa cheia de notas! Ellas nos atraçoam e devoram tudo o que nos offerecem as Damas do baralho.

Bemditas sejam essas divindades do panno ver-

de, que nos fazem esquecer as divindades de saia, que bem se poderiam chamar — “As Damas do Ouro!”

DIPLOMATA

Mil bravos ao eminente doutor oculista. Faço minhas as suas palavras.

O oculista falou pelo diplomata. Resta-me apenas acrescentar o seguinte: todo homem pode viver magnificamente bem com a mulher mais feroz, mais damnada, mais tyranna deste mundo! Mal casados, vós podeis viver num paraizo! “Mas, como?”, perguntareis. E eu, o solerte diplomata, vos responderei: “é uma questão de Diplomacia”.

Se me comprehendestes bem, cumpri a minha missão, julgando a mulher.

NEGOCIANTE DE FERRAGENS

Ora, que poderá dizer o velho Alberto, o velho ferragista, a respeito da mulher?

Só poderei falar da minha, que é doce como um cacho de uvas do meu glorioso Portugal.

Não gosto de me intrometter na vida dos outros, pois vejo que a mulher de hoje não vale a mulher

do passado. A de hoje só quer ser doutora, profes-
sora, funcionaria publica, aviadora, eleitora, sena-
dora, deputada... o diabo a quatro, enquanto a ou-
tra era a doutora da casa, a funcionaria da cozinha
e a deputada do seu marido.

Que saudades do passado, meus caros amigos!

A mulher ha de tornar a ser mulher no dia
em que deixar o atropelo das modas, a vaidade de
ser doutora, e voltar para a cozinha e me comprar
mais pratos, copos e panellas, pois, assim como vae,
ha de chegar um tempo em que ella não será mais
nem homem nem mulher!

Meus senhores: quereis a opinião de um rude
sobre as mulheres?

Panellas e mais panellas é o de que ellas pre-
cisam.

UM POETA FUTURISTA

A mulher T
Pingo
Respingo
Sabbado e Domingo
Chuva
Chove a chuva
A chuva é viuva
Alaga-se a rua
Minha fantasia
é uma perúa

Que vejo na amplidão?

Um balão!

Cáe, cáe, balão!

Cáe na rua do Sabão!

Prompto!

Eis o meu conto!

Não tem desconto,

nem contraponto,

nem pesponto,

é um simples raconto,

e, por ser conto,

..... ponto...

.....

CONQUISTADOR

Neste terreno da conquista, não estou de accordo nem com o senhor philosopho, nem com o sr. psychologo, nem com o sr. mineralogista, com a sua bolsa de ouro, sua cara de ferro e seu coração de bronze. Nada disso. A mulher, com toda a sua es-
perteza, é a creatura mais facil de ser enganada.

Quereis conquistar uma mulher? Enchei-lhe a cabeça de illusões! O conquistador precisa mentir desbragadamente. Elogiae-lhe a belleza! Os olhos.

os cabellos, a bocca, o corpo, o vestido... tudo que ella não possuir.

Nunca lhe deveis confessar uma verdade.

Se quizerdes ser sinceros para com uma mulher, estareis arriscados a ser repellidos, sem esperanças de nova tentativa. O conquistador precisa ter em alta dose: — coragem, atrevimento, semvergonhismo e descaramento. E' preciso ser cynico. Repito-vos: quereis conquistar uma mulher? Incendiae-lhe a cabeça de banalidades, deslumbrae-a, fascinae-a, dizendo-lhe que sois donos do mundo, e, em dois minutos, tereis a vossos pés uma mariposa de azas queimadas, em ansias de queimal-as de vez.

ESPIRITA

Meus carissimos irmãos!

A verdade não se nega.

Como o illustre archeologo, tenho a minha sciencia de crente. A minha esposa tem um genio indomavel. Quer que eu acredite mais no que ella diz do que no que eu vejo!

Pois eu lhe faço a vontade.

Estou certo de que não é irreprehensivel nos compromissos matrimoniaes, mas essas irregularidades e anomalias são provações por que tenho de passar, afim de purificar a minh'alma para outras reen-

caruaões aqui, na terra, e n'outras vidas, em planetas superiores. Desde que o soffrimento é o caminho para a perfeiçãõ, dou parabens á minha vida de casado.

OPERADOR

A mulher, para se tornar um ente sagrado, necessita de uma grande operaçãõ. A operaçãõ consiste numa permuta, se me permittis essa maneira de exprimir-me. E' uma simples troca: tirár-lhe a cabeça e botal-a no logar do coração, e o coração, no logar da cabeça. Terei sido claro?

Pensae bem e vêde se não estou affirmando uma verdade.

Quem poderá operal-a?!

Só Deus!

Logo...

Conformemo-nos.

GRAMMATICO

Dizem que a mulher não pôde ser sujeito da oraçãõ, que é um verbo defectivo, que é um simples objecto indirecto, que está sempre na ordem inversa e que não tem voz activa.

No emtanto, pôde o homem ser o sujeito, que

ella terá sempre mais attributos do que elle!

A mulher é a oração principal absoluta desse poema que Deos escreveu num só periodo — a humanidade e a natureza.

E como todos sabem disso tudo que acabei de dizer, não disse mais do que um pleonasma.

DENTISTA

Não posso falar mal da minha clientela. Gosto muito e muito da minha mulher, mas gosto mais da mulher dos outros. Gosto só da bocca. Não para beijos, mas para tratá-la e com isso ganhar a minha vidinha, e sustentar a minha cara metade. Aviso a todos os senhores chefes de familia, e *sobre tudo* aos namorados, que não se descuidem dos dentes de suas esposas, filhas ou noivas, porque só assim terão o prazer de ser *bem mordidos*.

ORPHÃO

Permtiti, senhores, que eu substitua o meu voto sobre as mulheres, erguendo um hymno de louvor a todas ellas, pensando em minha santa mãe.

FABULISTA

A fabula é uma coisa imaginaria. Nella fala um cachorro, um lobo, uma panthera. Um macaco prelecciona. Um papagaio discursa. Um periquito zomba. Uma formiga ensina economia politica e um leão reprehende ironicamente os pintores.

Tudo isso é uma illusão, é uma criação do homem. Mas toda a fabula é uma bella criação em que ha, infallivelmente, uma sonora moralidade. Deos foi um grande fabulista e a sua mais bella fabula foi a mulher! Tem moralidade, mas é uma mentira! Se não estaes de accordo, desprezae o meu voto, que póde ser uma fabula, mas é uma fabula de verdade.

METEOROLOGISTA

Minha mulher é um meteóro.

E' um bólido, um aérólitho, uma estrella cadente, a chuva, a saraiva, o trovão, menos um arco-iris, que nella nunca vi. Vou, por conseguinte, "votar", dando-vos o meu ultimo boletim de observações do meu lar.

Falo só de uma semana, porque todas são eguaes.
Comecemos:

“Segunda-feira — Espesso nevoeiro, pela manhã. Pela tarde, tempo escuro. A’ noite, céu embrusado.

Terça-feira — Frio intenso, pela manhã. A’ hora do jantar, mais frio ainda. A’ noite, céu de cinzas.

Quarta-feira — Durante todo o dia promettendo melhoras, que não se realizaram.

Quinta-feira — Tempo esperançoso á hora do almoço, assim ficando até á hora da ceia, quando se tornou ameaçador.

Sexta-feira — Dia nublado! Melhorando ao almoço e piorando pelo anoitecer.

Sabbado — Regular, pela manhã. Pelo meio-dia, — quente, insupportavelmente quente. A’ tarde, refrescou um pouquinho com o refrigerio de umas brisas do nordeste, de curta duração. Ao cair da noite, tornou-se aggressivo, mas, embora de céu escuro, a noite não foi molhada.

Domingo — De manhã, ao café, serenidade acariciadora. Pelo almoço, sussurros de beijos e abraços! Ao meio-dia, os mesmos phenomenos meteorologicos! A’ hora do jantar, a atmospherá apresentou-se tão limpida, que parecia uma noite de luar! A’ noite, depois do Lyrico, por um “motivo futil”, minha mulher exasperou-se, fechou-se o tempo e o domingo acabou num formidavel terremoto”.

NEGOCIANTE DE FRUTAS

Eu já estava imaginando no que devia dizer.
Eu falo cá do meu modo.

A mulher é boa. E' mesmo boa. Mas a gente deve guardar a mulher com muito cuidado! A mulher é uma fruta madura e cheirosa, que todos querem comer!

A vez cabe ao meu collega que ali está, — o Antonio, o vendedor das minhas frutas.

VENDEDOR DE FRUTAS

Tôu de accordo cum meu patrão. Mas porém, se vasmincês me apermite ômentá o seu bonito palavreado, eu digo a todos vasmincês que a muié é uma fruta madura, que a gente deve comê, e jogá as casca fóra.

CHARADISTA

A mulher é uma charada, que só deciframos, depois de casados.

CARNAVALESCO

A mulher não é uma charada. A mulher é um carnaval! Nunca se desmascára, porque, quando tira a mascara, cáe na quarta feira de cinzas. E para provar que a mulher é um carnaval, temos mais esta prova: é que ella chega a ser tão carnavalesca, que mesmo fóra do carnaval, sae muitas vezes á rua, tocando “Zé Pereira”.

ENFERMEIRO

Por que vou falar da mulher?

Por um motivo: por ser enfermeiro.

Praticamente, conheço todas às molestias deste mundo e do outro.

A. doença do homem ou é curavel e cura-se, ou é mortal e morre.

Já não acontece o mesmo com a mulher. Ella póde ser superior a nós. Póde ter mais juizo, mais senso, mais sentimento. Lá isso póde.

Agora, ella tem um defeito que nem o divino Creador póde tirar. Ella póde ser sã de corpo e alma. Mas, senhores meus, ella, que é tão boazinha, tão carinhosa, tão bonita, soffre de um mal, de uma doen-

ça, de uma molestia chronica que já traz do berço!!!
Deos a fez um anjo, e o diabo, não tendo forças para desfazer o anjo, castigou-a com a tal molestia: —
A Vaidade!! E a mulher ficou sendo eternamente —
Um Anjo Vaidoso!

DOMADOR DE FERAS

A nossa Eva é uma féra meio domesticada. Tenho amansado leões, tigres, pantheras, rhinocerontes, hippopotamos, e não consegui domar a ferocidade da leôa human'a, com quem tive a desgraça de me casar. Deos ou o diabo já a levou! Que mais vos posso acrescentar?

E' que a panthera de saia é a panthera mais mansa, e a ovelha mais feroz de todas as féras!

Só mesmo a Morte, a domadora implacavel, poderia livrar-me das garras dessa leôa infernal! Bem-dita seja a Morte.

AMANSADOR DE CAVALLO

Vasmincês tá falano sem rézão. O cavallo é mais duro de amansá do que a brivana. Brivana, cum perdão da palavra, é a muié do cavallo. Mas porem hay

cavallo tão máo e gururuba que o amansadô nunca póde corrigí! Apois, viva a muié, viva a brivana, quē tem amansado a muntos home, a muntos cavallo sarvage.

ETHNOLOGO

Viajei e estudei todas as raças humanas.

Vi mulheres representantes de todas ellas.

A cor da pelle é proveniente da maior ou menor quantidade da pigmentação. O colorido d'alma é mais interessante!

Vi mulheres de alma cinzenta, plumbea, vermelha, azul, verde, amarella, rosea, roxa, escura, negra... Só não vi uma mulher de alma branca, que é justamente a que eu procuro.

BOHEMIO

Viva la farra! Viva a pandega! Viva o prazer!
Viva a pinga! Viva Nosso Senhor Jesus Christo!
Viva a mulher!

Senhores, quando uma mulher penetra numa esbornia, rompe a alleluia!

Gosto da mulher, porque, quando em seus olhos

espona uma lagrima, o coração se dilata numa fascinadora gargalhada! Dizem que um homem solteiro só existe pela metade. Eu creio, e por isso ando neste mundo procurando a minha outra metade.

Mas, não, senhores! Eu nunca me casarei. Por que razão um caboré dos mattos ha de viver na gaiola do matrimonio?!

Oh! Nunca! Nunca, jamais!! Nunca me casarei! Nem mesmo encontrando uma mulher boa, formosa, rica e prendada, só pelo trabalho que hei de ter de procural-a, adquiril-a, conserval-a, vigial-a, adoral-a e, por fim, perdel-a para sempre!!!

Meus illustres amigos! Viva la farra! Viva a pinga! Viva o prazer! Mas, sobretudo, viva a mulher!

SENADOR

Minha mulher foi acompanhar a procissão.

Longe della, longe de mim! A sua vida é a minha vida; a sua morte, —o meu funeral. Sr. presidente...

Oh! Queiram desculpar-me! Pensei estar no Senado. O uso do cachimbo faz a bocca torta!

Neste congresso, quero dizer, neste tribunal, já muito teria dito, se fosse permittido apartear.

Não devo infringir o regulamento.

Proponho, em nome de minha senhora, que organizemos depois deste, um outro tribunal para os homens serem julgados pelas mulheres.

Tenho dito.

PARTIDARIO DO AMOR LIVRE

Não ha paiz, no mundo, em que se diga mais mal e mais bem da mulher do que no Brasil. Mas tambem não ha outro pais em que se possam justificar os elogios de uns e as satyras de outros.

Eu, partidario do amor livre e de tudo quanto vive na liberdade, tenho um ideal, que hei de vêr, mais tarde ou mais cêdo, realizado.

Exponho livremente o meu modo de sentir. Vamos acabar com este negocio de — sua mulher, tua mulher, minha mulher, etc. E' um egoismo desmedido um homem dizer, falando com outro homem: "Fulano, apresento-te minha esposa, minha senhora, minha consorte", etc., etc. Não, meus senhores, não!

Teremos attingido a finalidade do Amor, quando, trazendo uma mulher em nossa companhia e encontrando um cavalheiro qualquer, dissermos, com todos os requintes de uma simples apresentação: "Fulano, apresento-te D. Marcellina dos Prazes, nossa mulher!"

Esse dia não vem longe.

GENERAL

Na guerra, para vencermos, approximamo-nos do inimigo. Nas batalhas do amor, devemos fugir, para termos a victoria.

De tenente a capitão, travei mais de vinte combates, e não perdi um que fosse.

Saía-me encantadoramente, porque, quando percebia que ia ser feito prisioneiro, fugia do inimigo, desse gigante pequenino, do general, do generalissimo Cupido!

Chegando a major, empenhei-me numa batalha decisiva, e... caí redondamente em poder do adversario! Caí, por uma cilada que me armou esse Napoleãozinho, filho de Venus, que estava, nesse tempo, encarnado na minha mulher. E perdi por isto: porque as mulheres são mais fortes do que nós, quando se armam com todas as armas da sua fraqueza!

Fui vencido. Mas Deos evitou-me uma coisa que sempre temi: — casar-me com uma mulher formosa! As mulheres formosas são como as grandes cidades! Faceis de conquistar e difficeis de guardar. Finalmente, como vos disse, se fui derrotado na ultima batalha, tambem fui vencedor! Tenho um lar paradisiacò! Adoro a generala que me venceu!

ALMIRANTE

Por uma coincidencia, completo, hoje, setenta annos de idade.

A minha primeira mulher falleceu repentinamente, dez dias depois do nosso consorcio! A segunda, um mez depois, e a terceira, recebendo a noticia de que eu tinha sido victima de um falso naufragio, em que perecera toda a tripulação, enlouqueceu! Não durou mais que uma quinzena, porque Deos teve piedade de mim e della!

São tres pezares que carrego neste coração de septuagenario!

Resignei-me, e, resignado, só posso falar bem das mulheres. Lobo do mar, deixei o velho companheiro para viver de recordações!

Fui um vapor de guerra. De navio de guerra, transformei-me em um transatlantico, para, afinal, ficar sendo uma embarcação desarvorada, ao léo das ondas tempestuosas da vida! Hoje, navego no meu barco, e só tenho por companheira uma bussola — a Saudade!

Em cincoenta annos de lutas, affrontando as coleras do oceano, nunca naufraguei! Mas, como vêdes, por um decreto do destino, sou um naufrago do Amor!!

OPERARIO

Minha companheira é a Virgem Dolorosa do meu lar. E' boa como os anjos. Se não fosse a sua as-

sistencia, já teria varado o craneo com uma bala misericordiosa, o unico allivio para os que se sentem abandonados pelos senhores que governam este planeta. Com pequenas excepções, a mulher aristocrática é que tem tempo de ser infiel! A nossa, coitadinha, é uma verdadeira burra de carga. Nisso não lhe vae offnsa, porque, permitam-me a expressão, — respeito os animaes.

Por muito querer a minha santa companheira, já lhe fiz um pedido que ella jurou satisfazer-me. Se, pela reencarnação, ella voltar a este “Valle de lagrimas”, nunca mais se ha de casar com um operario, porque eu tambem, morrendo e reencarnando-me, nunca mais o serei!

E' muito nobre e honroso, mas, como disse um pensador, cujo nome não me occorre, ha duas classes de homens: — os que montam e os que são montados. Pois eu na outra vida hei de ser cavalleiro e não — cavallo de sella, burro de carga ou o paciente boi, que depois de uma existencia barbaramente laboriosa, vae para o matadouro, receber o sacrificio da ultima gratidão dos que lhe sugaram as ultimas energias! Senhores, se o homem é uma machina intelligente, precisa de alguem que lhe augmente as forças ou lhe modere as impetuosidades, e esse alguem é a mulher.

Eis o que tinha a dizer o modesto operario.

CORONEL

Ai! As mulheres! As mulheres! As mulheres me arruinaram!

Tudo o que eu tinha lá se foi com ellas! Foram guerras e mais guerras que travei com essas ingratas!

Antes de entrar em combate, havia sempre uma barganha de caricias fingidas, beijos de Judas e outras carimbadas!

Gastei um dinheiro fabuloso em comedorias, bebedorias e passeios, que importavam, ás vezes, em contos de réis!

Afinal, depois desses preparos para victoriosamente entrar em combate, apparecia um inimigo poderoso, um rufião, o predilecto, e ellas faziam como essas cachorras vagabundas que topamos na rua, e, com pena dellas, damos-lhes de comer e beber, e, depois de ellas comerem e beberem á la gordaça, põem-se a fresco, abanando o rabo.

Assim é que eu terminava as minhas mallogradas tentativas, como um luctador vencido, conservando limpa de sangue a minha gloriosa espada de coronel!

De mulheres?!

Socego!!!

GASTRONOMO

Estou com as mulheres e acho indispensavel o casamento.

Como gastronomo, tenho fóra de casa toda a variedade da arte e sciencia culinarias. Quando scismo, cansado de tanta iguaria preciosa, recolho-me ao lar, e por uma extravagancia, atiro-me á feijoada de casa, o prato que todo dia espera por mim.

Estou com as mulheres e acho indispensavel o casamento.

MEDICO

Casei-me, confesso, tendo por minha mulher grande sympathia. O tempo é que me fez adoral-a, querer-lhe tanto, como quero a Deos. Nada temo de sua fidelidade. Se todo o homem estudasse a "enfermidade" de sua mulher, seria facil cural-a e não existiria uma só que não lhe fosse constante. Nestas palavras encerro a minha opinião. Só lhe conheço uma rival. Amo-a e sou-lhe fiel. Tenho uma verdadeira paixão por minha segunda esposa. Segunda ou primeira, não sei bem dizer-vos. Mas, a toda a hora, por mais fiel que lhe seja, assalta-me o temor de ser victima de um adulterio, de uma perfidia, pois essa mulher, a Phrynéa de todos os esculapios, é a Medicina.

PESCADOR

O homem é um "pescador". E' como eu. Mas ha um "porem". Eu pesco no mar, e elle, em terra. As mulheres são os peixes. Atira a rede e prompto. Tudo que vier é peixe. Fóra do mar, só pesquei

uma vez. Minha mulher foi pescada, mas não estava pescada antes de eu pescal-a. Neste mar da vida atirei a rede n'uma pescaria de amor e fui feliz, porque agarrei um peixão de limpar os beiços! Com o favor de S. Pedro, hoje tenho duas canôas: a canôa do mar, com que vou ganhando a vida, e a minha choupana, onde vivem a Cunegunde e meus filhos, deslizando a toda vela, ou, quando Deos assim o quer, remando contra a maré.

PILOTO

A mulher é um navio. O mundo é um oceano.

A todo momento, o homem está encontrando um porto de difficil entrada. Logo, o homem precisa ser um bom piloto.

Conduza bem o seu navio, e verá como tudo lhe corre a vela solta. Terminando a minha opinião, só me resta dizer aos bem casados, aos mal casados, aos viuvos e aos solteiros:

Bôa Viagem.

CAIXEIRO VIAJANTE

Gosto e gosto mesmo da mulher, mas da mulher de outros tempos, a mulher que vivia em sua casa, e não a de hoje, a das ruas e avenidas. E não sei lá se me casarei um dia. Até a data presente, só tenho uma mulher: a minha mala!

Essa vac commigo para onde eu quero. Se me casar, a esposa tem de ficar em casa, mesmo porque uma cara metade é a bagagem mais difficil de ser transportada. Assim, está me parecendo que o melhor é ficar solteiro, até findar a grande viagem que nós todos fazemos neste mundo, pois que todo o homem é um caixeiro viajante do seu Destino.

BARBEIRO

Estou vendo que vossas excellencias estão dizendo lá comsigo que estou abarbado para dizer algo sobre as mulheres. Nada disso. A mulher é uma navalha. Vossas excellencias peguem n'uma navalha. Passem no rosto, a esmo, e receberão um córte mortal! E' uma navalhada! A navalha, nas mãos de um desordeiro, é uma arma terrivel. Peor que todas! Agora, peguem a navalha, ponham no rosto a espuma cariciosa do sabão, que esse instrumento com carinho transformar-se-á n'um pedaço de seda, aformoseando a cara mais feia deste mundo. Se o sabão fôr bom e cheiroso (a mulher gosta destas coisas) a navalha fluctuará na cara do "cidadão" que nem um riachinho escorregando por entre o capinzal do matto verde.

PADEIRO

Todo o homem, desde que nasce, só leva rezando uma prece, um Padre Nosso: "Dá-me, Senhor, o pão de cada dia".

Esse pão que elle pede é a mulher

Elle pensa que Deos lhe dando esse pão e elle o comendo todos os dias, será um ente feliz.

Meus caros senhores, eu confesso que tenho visto mulheres santas como a ostia consagrada. Quero bem á mulher e serei sempre o seu "padeiro". A innocente não póde pagar pela criminosa.

Mas a mulher com quem me casei, foi o pão mais duro que o diabo amassou:

FERREIRO

Ora, senhores doitores! Má raios parta tudo quanto é gaja e cachopa que hay neste mundo de Christo.

Bósmincês estão ahi aixim a falare, a falare e acabam sempre dando com os burro na iágua.

Senhores doitores, bósmincês perdem seu tempo, quebrando a caveça, prá estudare um desses diabo, que Deos butou no mundo prá castigo d'um homem!

Olhem lá: um furreiro bai lhes dizere uma coisa. Comprehendere, entender e a ialma d'uma dessas burrega, é "malhare em ferro frio".

REPORTER

E' um facto que as mulheres estão nos fazendo grande mal, na competição das nossas profissões, nos misteres que até agora só foram desempenhados pelos homens.

Reprovo a mulher buroeratica, deputada, senadora, advogada, medica, (a não ser a parteira) industrial etc. etc.

Mas, no entanto, eu penso que a minha profissão devia ser exercida pelas mulheres e não pelos homens. Se um dia fundar um jornal, só admittirei reporteres de saia, porque a mulher, sem excepção, nasceu para reporter. Embora diminuindo-me deante do sexo fraco, gritarei com todas as forças dos meus pulmões: a mulher veio ao mundo para fazer a reportagem dos homens.

CONFEITEIRO

O mundo é uma confeitaria. A gente entra n'ella e vae escolher um doce, — uma mulher. Tem de tudo. Desde o "hombon" até a empada. Doces novos.

e doces velhos. Cuidado com os ovos podres! Cuidado com as manteigas rançosas! Olhem que de um doce de tres dias faz-se um doce fresco. Põe-se uma fantasia por cima e o freguez leva a coisa como nova. E' preciso examinar, cheirar e provar. Um doce bem feito, com excellente material, delicia. Um doce mal feito, com ingredientes nocivos, pode amargar o estomago para toda a vida e até envenenar-o.

Em conclusão: a mulher póde ser um podim, um bolo, uma compota, uma empada, um bombocado e até, um "sonho"! Depende do gosto do comprador.

CARPINTEIRO

S. José foi carpinteiro e ensinou a Jesus o seu officio. Pois, assim como assim, todo o homem é um carpinteiro.

Deos nos offereceu a mulher, quero dizer, a madeira. O homem póde fazer dessa madeira qualquer cousa que lhe dér na cabeça: uma porta, uma janela, um assoalho, um tecto, um andaime, um banco, uma mesa, uma cama, uma estante, uma cadeira... tudo o que quizer. A madeira é tão boa que se presta para tudo! Nós, os homens, temos a ferramenta. do que ninguem faz cama para se deitar. Pois eu cá não tenho de me queixar da sorte. Diz um dicta-fiz a minha cama de casado, onde durmo muito bem e onde espero morrer descansado.

REPUBLICANO

Sempre tenho feito grande propaganda pela mulher, mas pela mulher com o divorcio.

Ella é uma especie de presidente de Republica.

Elege-se por 4 annos. Se não faz bom governo, manda-se “passear”. Se faz bom governo, póde ser reeleita, segundo os dictames da Constituição. Se o presidente da Republica, logo no começo do seu mandato, abusa, querendo tornar-se um absoluto, ha o remedio salutar da revolução, fazendo-o voltar para o logar de onde veio. Assim a mulher.

Não é a mulher que eu temo.

E' o casamento.

MONARCHISTA

Eu cá “jôgo” no antigo. Mulher?! Só uma na vida. Preste ou não preste. “O laço indissoluvel é a Monarchia”. O divorcio é a tal de Republica. Se eu hoje, remoçasse — não me casaria, com receio de fazer de meu lar um pandemonio, um governo moderno, onde ninguem se entende.

O homem ha de ser sempre um rei, e a mulher, uma rainha. Essa coisa de presidente não tem ap-

provado. A mulher é boa e mais que boa. O que a vac estragando é o tal divorcio, o filho mais querido dessa Messalina, que os novos chamam hoje de Republica.

MINEIRO

A mulher é uma mina. Todo o homem que se perder de amores por uma dellas, pode-se considerar um homem "minado". Está, por conseguinte, sujeito a uma violenta explosão. A mulher é uma mina que gosta de ser explorada, mas que tambem nos explora escandalosamente!! E' uma mina exploradora! Mas, seja como fôr, não ha coração feminino que não encerre um thesouro!

Em conclusão: todo o homem para ser feliz e gozar tudo de uma mulher, tem de ser um bom "mineiro".

ENTOMOLOGISTA

Não serei eu que deixe de julgar a mulher, sem a inspiração da minha sciencia.

Não quero me eximir desse compromisso. Todos sabeis, ainda mesmo os menos cultos, que a entomologia é uma parte da zoologia que estuda os insectos.

Pois a mulher é uma aranha. Quando fala com o homem começa a tecer. Daqui a pouco, eis o poeta, o militar, o sabio, o artista, o pobre mosquito, enleiadô, irremediavelmente enredado na fragil teia, até que lhe sobrevenha a morte, para que elle offereça o seu sangue a essa caranguejeira, a aranha, isto é, a mulher, o insecto mais formoso da criação.

GEOLOGO

A comparação do illustre scientista é rigorosamente exacta. Resta-me acrescentar que além de sugadoras, são muito ambiciosas.

Ellas querem tudo para si. Pegae num objecto qualquer. Suspendei-o no ar. Soltae-o depois. A terra o chama para o seu regaço. E' o que faz a mulher com tudo o que vê!

LAVRADOR.

Como lavrador, não posso deixar de defender a mulher e a sua irmã, a terra.

A terra, depois da minha mulher, é a mulher que mais amo. Já meu avô dizia estes versos:

“Meus filhos, meus caros filhos,
“a terra que nos consome,
“só pede, quando não chove,
“que lhe matemos a sêde,
“para matar-nos a fome.”

E ainda estes outros formozissimos e emocionantes:

“Meus filhos, meus caros filhos,
“quando eu me fôr desta vida,
“ser enterrado de bruços
“para estar sempre em soluços
“beijando a terra querida.”

A terra é a mulher, meus senhores!

Essa ambiciosa que o illustre sabio diz que chama tudo para si, é que lhe ha de servir de leite materno, quando deixar de ser ingrato e adormecer no somno eterno da morte.

Bemditas sejam, pois, a terra e a mulher.

Agora um outro que fale melhor do que eu e melhor do que eu a defenda.

JOGADOR DE FOOT-BALL

Não podendo empregar muitas palavras e expressões do nosso jogo, porque não estou entre collegas, officiaes do mesmo officio, e, ainda mais, receiando não ser comprehendido, não deixo, por isso, de dar a minha opinião, tratando-se dessas creaturas “futibolescas”.

Sei que não digo coisa nova, mas asseguro que digo uma verdade.

A mulher é uma bóla, mas presta attenção, — uma Bola de Foot-Ball.

LIVREIRO

Gosto da mulher e tenho um lar feliz. A mulher é “textualmente” boa. Casei-me, quando me estabeleci. Minha esposa propoz-me uma edição. Editei uma filha. Tomei gosto e fiz tantas edições femininas que hoje tenho mãis de seis encalhadas. As culpadas são ellas. Não querem cortar os cabellos, não querem sungar o vestido, não se querem pintar! São boas, castas e sãs. Mas isso nada vale. E’ preciso encadernarem-se bem, illustrarem-se com umas figuras futuristicamente escandalosas, pois tudo depende não do miolo, mas, sim da exterioridade, — a encadernação.

O negociante de modas falou bem. A mulher de hoje, para ser “feliz”, deve andar bem encadernada.

O LINOTYPISTA

A mulher é uma matriz, que não estando perfeita, nos deixa “chumbados”.

ANARCHISTA

No dia em que os leões revoltados lavarem com seu sangue de martyres a immundicie deste paraíso infernal, — o mundo que habitamos, eu direi o que

penso da mulher, que ha de ser o que deve ser: — o coração espiritual dos homens. O homem, como a mulher, precisam de liberdade. O amor é livre.

Quer queiram, quer não queiram, mais cedo ou mais tarde, o nosso ideal ha de ser uma realidade, porque a evolução não tem barreiras, não tem prisões, não tem leis, a não ser a lei de evoluir. Confie-mos na Dynamite. E' preciso purificar o mundo mōral, como a Natureza purifica a atmosphera, com as tempestades, os coriscos e os ribombos dos seus trovões. As mulheres de hoje, com as suas frivolidades, não nos podem ajudar nessa revolução. Nós precisamos de bombas, e ellas não passam de foguetes!

Tenho fé na mulher do futuro.

ELECTRICISTA

Mulher e electricidade são a mesma coisa. A mulher electriza. Reparae bem que uma mulher está sempre faiscando. Cura e mata. E' uma pilha. E' o trovão, é o corisco, é o raio! Quem póde saber o que é a electricidade? Quem póde saber o que é a mulher? Conclusão: não sei julgal-a.

Toda a mulher para mim é boa, porque, quando não me agrada, eu "isolo".

Ora, não faltava mais nada senão o velho açougueiro, virar juiz para julgar as mulheres!! Mas, enfim, vá lá. Vou começar. O homem é um novilho e a mulher uma novilha. A mulher tem muita coisa boa e muita ruim. Quem compra uma novilha já de idade, tem de levar carne boa, soffrivel e má.

A mulher, mesmo a gente não querendo falar da carne e só falar da alma, tem filet, lagarto, chã de dentro, alcatra, pato, pá, peito, assem, tripa, figado, bofe, ossos e contrapeso.

A questão é saber escolher e ser bom cozinheiro.

O homem ruim pôde estragar uma mulher boa, assim como um cozinheiro que não sabe o seu officio pôde estragar um bom peso de carne. Eu, homem pratico, escolhi uma companheira, que é um filet. Ninguem tem-n'a melhor do que eu. Gosto das mulheres fóra do meu negocio. Antes tratar com mil homens do que com uma mulher. Gritam, reclamam o peso, pintam o caneco!

A's vezes a gente quer fazer uma velhacadazi-
nha, mas não pôde. Ellas estão no seu direito. Estão defendendo o "seu". E por isso, repito: sou pelas mulheres. Olhem! Se eu tivesse poderes, endireitava toda mulher de cabeça virada. As mulheres me compram tudo, até lingua, que ellas já têm de palmo e meio!!

E, no entanto, não me compram uma coisa que ellas deviam comer todos os dias. E os senhores não sabem o que é? Miolos, meus senhores, miolos, o que ellas não têm na cabeça.

E agora, por ultimo, um conselho aos casados com mulheres avacalhadas: quando ellas se damnarem, mettam-lhe a choupa, mettam-lhe o serrote, mas tomem cuidado com os chifres, que são perigosos.

UM VELHO FAZENDEIRO

Que os senhores doutores me honrem com a syllabação da palavra para lhes contar um caso transfigurante e que será uma testificação que lhes dou sobre a mulher, a identidade da mesma coisa. Quando eu era chefe politico, elegi muitas cavalgadas a deputado, mas nunca me acagibei com a suduração suffragante de eleger uma mulher para os meus lares domesticos.

A mulher é calombóia de todos os partidos e está sempre na urupinga do governo.

Embora “estêjamos” falando por “metaphóras”, fica entendido que os senhores me estão entendendo.

Tenho uma fazendinha onde descanso longe do hazé eleitoral, a unica coisa que me resta de tudo que perdi na curicação prosopopeica das actas falsas, urnas de surrupio, e traumatizações de cabeças quebradas.

Mas porém vamos entrar no rejumo do positivo.

Uma noite, quando eu já estava na psychologia do primeiro somno, ouvi gritos de soccorro, e, logo concurrentemente, alguém que me bătia na porta, appellando para o meu nome.

Levantei-me e fui abispas quem era. Abrindo a porta grande, vi uma mulher protogerar-se a meus pés, deplorando como louca!

Vinha engorovinhada de agua fluvial, com os olhos turcicolados, descalsa, immaculada de sangue, a qual mulher, moça ainda e de boa physionomia, exonerava-me que lhe dêsse protecção e mutualidade de auxilio! Disse-me que era forroia do Chico Porco, homem desordeiro, que trazia appellido alcunho-so devido ao cheiro mal asseiado, as inalações mefisticas de um bicho que chamamos de "gambá". Disse-me que vivia com o Chico, suporificando, dia a dia, as delivranças do cachaceiro. Todos os dias, o Chico, pelo menos, lhe dava uma picança.

Dei-lhe o tecto, matei-lhe a fome, e, na conformação do que me exonerava, prometti exemplar o trambiqueiro com um castigo sideral.

O referido sabagante, sabendo que ia ser exemplarificado, dislocou para o ôco do mundo! Na pesquização da rapariga, obtemperando a sua honestidade no comprovado trabalho do labor, offereci-lhe um logar sobressalente entre as minhas caseiras, ficando ella a chefe do serviçal dos meus penates.

Decorrido um mez, se tanto, comecei a consubstanciar uma tristeza, exteriorificada em lagrimas que não conseguia obturar, por mais que laborificasse para a respectiva occultação.

À coisa foi se trucificando mais a mais, até que um dia perguntei-lhe se não estava concominada com a nova missão. Respondeu-me que estava “sastifeita”, que nem sabia me “agradecê”.

Depois, n’um chôro dissorante, me emperpetrou que eu não levasse a mal, mas no dia posterior abandonaria a minha Fazenda, pois não podia mais viver com tantas sôdades!

Concordei com a sua perposição e, por uma transubstanciação da curiosidade, perguntei-lhe se ás aculencias das saudades eram de sua mãe ou de algum parente idolatrado. Respondeu-me: Não tenho mãe, não sinhô. Eu tô sentindo é sôdade do Chico Porco!”

Outras historias como essas conheço eu, mas para não ser laconico, deixo de contar e, em algebra conclusiva, posso vos affirmar com todo o hepoperito que a mulher é uma urna de votos falsificados, na potencia do nominador — x — e o denominador — 0 .

Terminei.

FEITOR DA FAZENDA

Outro caso, parecido com o do patrão. E talvez melhor que a historia do Chico Porco. Peça licen-

ça para contar. E' de Xavier Vianna. E' que, duma feita, um comboeiro descansava na beira da estrada, com o seu "Suruby", que era um cachorro que elle tinha topado ha muito tempo, perdido nos matos, morto de sede, e de fome, e além de tudo lazarento, e que tinha levado para casa e que tinha tratado como irmão, a ponto do bicho estar ali mais gordo que um boi cevado. Passando um cavalleiro a cavallo, desapeando para lhe pedir lume e perguntar qual era o atalho mais melhor para ir ao arraial, o comboeiro ficou muito admirado de vêr o "Suruby" fazendo festa com o rabo, a se enroscar nas pernas do dito cujo viajante.

O viajante, vendo que o comboeiro estava intrigado com aquellas festas, falou prò comboeiro: "Este cachorro já foi meu. Este diabo é uma peste! Joguei-o fóra tres vezes, e a peste sempre voltando para casa! Por fim, mandei afogal-o numa lagoa e nunca mais voltando, pensei que o diabo se tinha afogado. O diabo estava lazarento e fedia de metter nojo! E como é que este raio ainda me conhece!?"

E isto dizendo, pespegou-lhe tamanho pontapé, que o cachorro caiu por cima de uma gebarra de matto, a se estorcer de dores, enquanto o cavalleiro amontando, seguia de viagem.

O cão levantou-se, coxeou, bamboleou e seguindo depois no rasto do cavalleiro, esbarrou adeante. Ficou a olhar, ora para o viajante, ora para o seu amigo, o comboeiro, que lhe queria como irmão.

O comboeiro assobiou, castanholando com os dedos, chamando o "Suruby". E o "Suruby", manparreando, entre seguir ou ficar, olhou para um e outro lado, como quem está entre a cruz e a caldeirinha, e afinal, lá se foi coxeando e correndo atraz do seu antigo senhor!!!!

Vinha caíndo a noite. Quando o comboeiro viu o "Suruby" sumir-se ao longe no trueicollo da estrada, disse, baixinho, olhando para a estrella da tarde, que vínha nascendo:

— "Foi assim que me fez a Joanna! Agrado, carinho e liardade não prende nem cachorro nem muié!"

UM DESCONHECIDO

Não sou ninguém. Nada represento aqui neste congresso de sabios e homens de intelligencia. Mas desde que me permittis uma opinião, não tenho duvida alguma em proclamar a mulher muito superior ao homem. Basta uma simples reflexão para ficarmos convencidos disso.

Desafio a que um só entre vós apresente um argumento contrario á minha poderosa affirmacão.

Quem fôr capaz, tome a palavra.

OUTRO DESCONHECIDO

Eu! Eu, sêu doutô, o Quinea Das Tres Venda. Eu vou distruhi o que vasmincê considerou. Vasmin-

cê pôde falá cumo hôme de ensino. Mas, porém eu falo cumo hôme passado na casca do áio. Eu não sou fuça-fuça, não sinhô. Agora lhe agaranto que vou matá seu doutô na cabeça. A muié nunca teve im riba do hôme. E a pórva do que eu digo, seu doutô, é que toda muié qué sê hôme, mas porém, cum licença de todos vasmincês, eu juro que nunca vi um hôme que quizesse sê muié!!

OUTRO DESCONHECIDO

Por ser a vez do terceiro desconhecido, falarei também. Até a morte me baterei a favor da mulher. Pouco importa que existam más, perversas, assassinas, de vida livre... Tudo isso é apparente. E aqui vae uma verdade de que estou convencido.

“No dia em que não houver mais no mundo um homem falso, não haverá mais uma mulher traidora”.

VAQUEIRO

Sou acnierado, sou casado, e minha muié tem o nome de Rosa. Rosa, que é muié de verdade, foi a mais bella vaquinha que encontrei entre a boiada das caboca da minha terra. Cum as outra não tenho nada.

CARREIRO

Tanta palavra desperdiçada, - prá dizê o que é a muié!!!

A muié é uma carroça e o hôme é o burro!

TROPEIRO

A muié, quando é boa, parece inté a madrinha da tropa. Mas porêem quando é má: é pió que um burro chuco .

ROMANCISTA

Julgo a mulher pelos romances que escrevi. Ora, optima; ora, boa; ora, regular, ora, soffrível; ora, má e ora, pessima. Comtudo, penso que o seu coração é muito mais bondoso que o nosso. Ella perdooa tudo, menos uma coisa: — uma representante do bello sexo que seja mais bella!

Que dizer, julgando-a?

Voto contra as más e a favor das boas.

MUDO

(Traduzidos por um entendedor)

Como Deos a fez, a mulher é um primor. O seu defeito não está na vaidade, como disse o sr. enfermeiro. Esse é um defeito bonito e proprio do sexo.

O defeito que a prejudica está dentro da bocca: — na língua. A não ser isto, não consinto que se fale da mulher sem meu protesto escripto, como faço agora.

SURDO

Concordo com o meu collega. Só discordo numa coisa. A falha da mulher não está só na lingua. Está principalmente no ouvido. Por augmentar o que ouve, é que fala de mais! Exemplo: a velha que de manhã contou á vizinha que o marido tinha posto um ovo, e, de tarde, já toda a aldeia sabia que o homem tinha botado uma duzia delles!!

A não ser isto, tudo está certo e sou pela mulher.

GEOMETRA

Eu penso que só chegaremos a conhecer a mulher, quando tivermos resolvido a Quadratura do Circulo. E não sei se resolvida a Quadratura do Circulo, o problema da mulher não ficará eternamente nas sombras do mysterio.

CAÇADOR

Sou viuvo. Não me posso queixar da fallecida. Foi boa, carinhosa e fiel, como esta espingarda de caça, esta velha companheira. Mas, contudo, ainda

mesmo cheio de saudades pela defunta, nunca mais me casarei. Não por querer guardar respeito á sua memoria, mas, por experiencia. Em que a mulher se parece com um caçador?

Nisto: desde que vac passando de menina, não faz outra cousa senão caçar um homem!

E por aqui tambem me fico.

RABULA

Vou falar tambem e vou em chegança adonde pôde chegá as conclusão do meu arrazoado. Sou pela mulhé. A mulhé é uma tribuna adonde a gente sóbe prá discursá. Como juiz, sou defensô, mas sou contra, praquê a philunsuphia do Dereito divino é psychologica, biologica e hermeneuca. Com as lezes um homem pôde vencê tudo, intê uma mulhé! "*Dura léques sá di léque*".

Tenho dito.

GUARDA-LIVROS

Se é forçoso que, dentro da minha profissão, dê o meu parecer sobre a nossa calumniada companheira nesta grande Casa de importação e exportação, — o mundo, — farei a minha escripturação com estas poucas phrases: "A mulher está sempre em "Haver". Acha razoaveis todos os meus livros, menos um: o "Razão".

MESTRE CUCA

A mulher é um manjar divino, quando o diabo não a tempera.

PHOTOGRAPHO

Deos é o supremo creador, mas, em certo ponto, eu corrijo a obra de Deos. Embellezo a mulher feia, e ainda faço mais formosa, a mulher mais formosal Como não hei de dar-lhe o meu voto, se ella me adora, por esse grande poder, que apenas devo á machina photographica?!

ENGENHEIRO

Logo depois de formado em engenharia, casei-me com uma mulher pobre, tão pobre como eu, mas que me trouxe um thesouro, uma riqueza fabulosa: — o seu coração!!

— Delle fiz uma estrada de prata, uma locomotiva de ouro, um carro de platina, uma estação de pedras preciosas, e é nessa casa que habito, e é nessa estrada que percorro a estrada da existencia, em companhia da minha adorada companheira de viagem.

Abençoada seja a mulher!

CARICATURISTA

Com dois ou tres riscos, tenho brincado com a humanidade inteira. Meus olhós só vêm os homens, a natureza e até mesmo o Padre Eterno em caricatura. Minha mulher era muito bôa. Mas, uma noite, vindo de um spectaculo, onde provoquei estrondosas gargalhadas, com os meus calungas, vi, nou-tro páleo, na janella de minha casa, um mascate fazendo caricaturas de beijos na boca de minha virtuosissima esposa!!! Estava sendo caricaturado na figura de um animal, possuidor de duas formosas antenas, que tão adorado já foi pelos egipcios.

Pois, ali mesmo, á luz de um sombrio lanpeão, fiz a caricatura de minha fidelissima esposa pela imagem fiel da esposa fidelissima desse quadrupede que eu ali representava!

CHIMICO

Não tenho bases para censurar ou elogiar o bello sexo. O amôr não é metaphysico. E' uma sciencia positiva. E', como a chimica, a composição e decomposição dos corpos. As divindades femininas são grandes chemicas: transformam um beijo, o veneno mais violento, em remedio, em uma panacêa universal, curadora de todos os males!

CANTOR

Para mim a mulher é uma canção cheia de falsetes, de graves e agudos, canção que precisa ser muito bem cantada, para que o cantor ou cantador não seja “pateado”.

E eu me fico por aqui, pois no theatro deste mundo, não fazemos outra coisa senão cantarmos a mulher.

Que outro “garganteie” a sua opinião, até que depois de todos terem “cantado” a sua, o poeta, o predilecto das musas, dê a nota afinal, o ultimo “dó de peito” deste “concertante” sobre a mulher!

DONO DA BARRACA

Senhores, vae falar o homem da barraca. Olhae: ali, está ella, cheia de calungas e brinquedinhos para creanças. São quatro horas da tarde. Lá pela noite, recolhida a procissão, antes do fogo e depois do fogo, vereis aquella casinha cercada de uma multidão de meninos. Esses meninos são todos vós!

Os homens são meninos. São creanças barbadas, como já disse alguem.

Pois é por isso que vos digo que ainda não ouvi entre vós um juizo certo sobre a mulher e que me enchesse as medidas. Tudo o que se affirmou aqui está errado.

Dito isto, vou dizer o que é a mulher. Receberei uma salva de palmas, e duvido que haja alguém que me contradiga.

A mulher é uma boneca.

GARÇON DE CASA DE CHA' DAS CINCO HORAS

Na minha freguezia, tenho notado que a mulher é mais delicada que o homem. Não é de admirar, visto que sempre lido com senhoras de alta roda.

O homem só é generoso em companhia de uma mulher!

Com ella, é certa a gratificação, seguida de um expressivo "Muito obrigado". Se elle vem só, desacompanhado e com cara de quem brigou em casa, é sempre aspero, grosseiro e malcreado. Engulindo o seu chá sem torradas, sabendo com a cara de barracão sem telhado e não me dando a gorgeta, deixa logo perceber que não tomou chá em pequeno. Quanto ao resto... a experiencia do mundo manda-me ficar surdo e mudo!

OUTRO CANTADOR

Cum perdão de vasmincês!
Um hôme pôde sê hôme,
ou burro, eumo um bacé,
que eu juro, pru minha fé,

que esse gégue ha de ficá
mais sabido que um preiá,
no dia que se istrepá
na saia d'ũa muje!

“BORBOLETEIRO” DA ESTRADA DE FERRO CENTRAL

Não sei o que é a mulher! A minha é boa; a
dos outros não sei.

O que é a mulher?! Na minha profissão não
encontro uma coisa para comparar com ella!

Vou perguntar alli ao Sr. professor de italia-
no. Sr. professor, o que é a mulher?

PROFESSOR DE ITALIANO

Una farfalla.

O MESMO EMPREGADO

Não entendi! Vou perguntar ao Sr. professor
de hespanhol.

Sr. professor, o que é a mulher?

PROFESSOR DE HESPANHOL

Es lo que dice mi colega, professor de italiano:
um lepidóptero.

O MESMO EMPREGADO

Fiquei na mesma. Vou perguntar ao Sr. professor de francez. Sr. professor, o que é a mulher?

PROFESSOR DE FRANCEZ

La femme est un papillon.

O MESMO EMPREGADO

Ainda vou insistir, perguntando ao Sr. professor de inglez. Sr. professor, o que é a mulher?

PROFESSOR DE INGLEZ

She is a butter fly.

O MESMO EMPREGADO

Peor ainda! Só me resta um recurso: é perguntar ao Sr. professor de portuguez. Sr. Professor de portuguez, o que é a mulher?

PROFESSOR DE PORTUGUEZ

Respondo-lhe, repetindo-lhe o que lhe disseram os senhores professores de italiano, hespanhol francez e inglez! "A mulher é uma "Borboleta".

O MESMO EMPREGADO

E' isso mesmo!!!! E' uma borboleta!

E eu, que lido com ellas todos os dias, não acertei!!!!!!!

COCHEIRO DE DILIGENCIA

A pèor coisa que ha neste mundo é não saber falar. E' ser burro, como lá diz o outro. Eu tenho medo de soltar uma besteira e offender os meus patrões. Mas os patrões que são homens de saber, têm a obrigação de perdoar os ignorantes, os homens que só lidam com cavallos, como eu. Assim, por assim, vou "cutucar" a mulher, contando um caso, como fez o sr. Fazendeiro e o sr. Feitor.

Todos os dias eu faço uma viagem em minha diligencia d'aqui a S. Gabriel, uma viagem de 10 leguas puxadas ou de beijo, como costumam dizer os sertanejos. Pois hoje, na viagem de volta pela manhã, perdi a minha açoitadeira no meio do caminho, e foi uma espiga!!

Eu gritava, eu praguejava e os passageiros, furiosos, voltavam-se contra mim, e eu gritava cada vez mais contra a parelha e quanto mais praguejava mais a parelha parecia zombar das minhas pragas, caminhando como bem lhe parecia!

E tudo isso por que?!

Por ter perdido a minha açoitadeira! Mas eis que, por um acaso ou pela providencia de Deos, encon-

tro outra no caminho! Pulei da boléa, apanhei-a, subi outra vez nã boléa e nem lhes conto nada! Sem gritaria, sem pragas, sem palavradas, silencioso como um cocheiro experiente, com a mão firme, dando estalos no ar, mostrando-lhes o chicote, sem nem de leve tocar nos animaes, ameaçando-os somente, a parilha corria pela estrada a fóra, que era uma belleza!

Patrões: nunca maltratei uma mulher, nem gosto de vel-a maltratada. O homem que bate n'uma mulher é um covarde, é um perverso, é um assassino, é um miseravel!

Ella é bôa, é carinhosa, é meiga, é fiel, é a coisa melhor que Deos fez!

Mas, para ser isso tudo, é preciso que ella veja de vez em quando o chicote estalando no ar!

LENHADOR

A mulher é uma arvore. Quando não dá fruto nem sombra... machado nella.

CAMPEIRO

Neste mundo háy munta muié preversa. Háy, eu não digo o contraro. Mas porem quando a muié é bôa, fica valendo tanto cumo um cavallo campeador. A minha é taliquá.

MATEIRO

(o que vigia as matas)

As muié são as fulô que a gente vae encontrando
pulas mataria de espinho na estrada da vida!

FOGUETEIRO

Deos fez a muié de fogo. Ella joga brasa dento
da gente e depois, vendo o hôme ardendo, sóta
uma gargaiada, fria, cumo chuva de pedra! Mas, mermo
ansim, não quero o amô do céo! Quero o amô
do inferno, que deve sê mais quente.

EDUCADOR

O coração da mulher é um instrumento divino.
Mas, respondi-me: que será de uma harpa, de uma
cithara, de um stradivarius nas mãos de um selva-
gem?! Um objecto inutil! E nas mãos de um artis-
ta?! Uma sublimidade. Ensinae a uma mulher tudo
o que fôr possível! Illuminae-lhe o espirito, mas per-
fuma-lhe o coração. Seja-lhe o cerebro um pala-
cio cheio de claridades e o coração, — um jardim.

Consagrae-lhe um dia na semana para a educação do sentimento. Será um dia santo, o dia dominical, depois dos outros, que serão os dias do labor mental. A mulher póde saber grammatica, arithmetica, geographia, tudo quanto lhe quizerem ensinar. Póde tambem não saber nada disso. Mas será triste vel-a indifferente deante de uma pintura, de uma escultura, ouvindo uma bella pagina de musica, uma poesia ou outra qualquer manifestação do Bello. A mulher instruida é, com justiça, admirada: mas a mulher que tiver preparo intellectual e educação do sentimento, é admirada e adorada. E' assim que eu educo as minhas discipulas. Fazei o mesmo, que em logar de uma creatura sobrehumana, tereis em vosso lar um anjo, um archanjo, um serafim.

Ignorante ou erudita, voto consciencientemente nas mulheres.

E perdoae-me a prolixidade...

CEGO DE NASCENÇA

Deos, apagando-me os olhos, fez-me um grande visionario. Amo tudo "cegamente", como costumaes dizer quando amaes, sem precisar da visão. A viração fresca e recendendo a matto cheiroso parece anunciar uma bella noite que vamos ter.

Todos os dias, quando sinto ou presinto que o sol vae desaparecendo, ergo, fervorosamente, um hymno á luz! Deixae-me, pois, rezar: "Gloria a Deos, que fez a Luz e de luz fez a mulher".

INVENTOR

Qual foi o maior inventor de todos os homens? Sem duvida alguma, foi o que inventou a idéa de Deos. Mas não haverá outro inventor ainda maior do que esse inventor de Deos?

Ha. Foi o que inventou que Deos foi o inventor da mulher.

DONO DE CASA DE CALÇADOS

Homem casado é homem cheio de callos, porque toda mulher, boa ou má, é sempre uma botina apertada. Homem é cabeça, mulher é pé.

Quando uma dellas me entra pela porta a dentro e senta-se n'uma cadeira, eu vou logo lhe dizendo: "dá cá o pé, meu Louro!"

QUITANDEIRO

Ora bolas! Até o quitandeiro mettido nesta encenca!

Que é que eu vou falar?!

Eu sei lá! Mas como no meio dos homens sabios os burros tambem rincham, ouçam a experiencia

do quitandeiro. A mulher pôde ser uma tangerina, uma laranja, uma maçã, uma pera, uma fructa de conde, uma jaboticaba, uma melancia... E o homem?

O homem é uma banana!

CARTEIRO

A mulher é uma carta fechada. Sem abril-a, quem sabe o que está dentro della?!

Visto esta incerteza, é melhor pol-a no seguro.

MASSAGISTA

Sou a favor dellas, quando faço o trabalho n'uma mulher bonita e noval

Mas sou contra, quando pelo meu officio, sou obrigado a fazer massagem n'uma mulher feia e velha.

FISCAL

Todq o homem devia fazer o que eu faço: fiscalisar sua mulher.

INSPECTOR ESCOLAR

Voto com o fiscal. Eu sou o que todo o homem devia ser: o Inspector escolar de sua mulher.

CONSTRUCTOR

Algum d'entre vós será capaz de comprar ou alugar um predio, sem entrar dentro para examinal-o? Pois, meus caros amigos, quem quizer alugar ou comprar uma casa só pela fachada ou julgar uma mulher só pelo exterior, ha de sair enganado.

Procedam primeiro ao exame e nunca terão occasião de arrepender-se.

BICHEIRO

Quem escolhe uma mulher, joga n'um bicho. Agora, o jogo da mulher é mais difficil. Os bichos são vinte e cinco e ellas são innumeradas! E, encarando a coisa de outro modo, e, falando só dos vinte e cinco bichos do jogo, veremos que, se umas podem ser borboletas, outras podem ser cobras, etc., etc., e outras (e ahi está o maior perigo) podem fazer um homem herrar e mugir com o desespero de um "touro" enciumado.

Os senhores querem fazer bom jogo? Joguem em todas ellas, que é o melhor.

OURIVÉS

A mulher é uma joia de alto valor. Pois bem: sendo uma joia de alto preço, porque tano se illude com os objectos de fantazia?! E' fantastico!!!

CEBO

(Negociante de livros velhos)

Pelos livros que procura em minha livraria, não mentirei, se disser a todos vós que a mulher vae mal. Quereis saber quaes são esses livros?! Não os nomeio por acanhamento. Estou prompto a defender a mulher; mas, não, a do futuro.

E' uma calamidade!

E' uma immoralidade!

CRITICO

Deos errou, fazendo o mundo.

Errou fazendo o philosopho, o pintor, o escultor, o orador, o musico, o poeta, todos os artistas, todos os homens, menos a mulher, e o critico, que póde julgar o proprio Deos!

Dado o meu parecer sobre a mulher, sobre a sua incriticabilidade, sobre a sua perfectibilidade, participo-vos que em breve lereis um novo livro de critica que vou escrever, fazendo a critica de todas as criticas desta noite, em que vos arvoras-

tes em criticos, criticando a mulher, que em todas as artes está cheia de defeitos, mas que, no original, em carne e osso, é inericitavel, por ser a propria Perfeição, como eu.

UM SOLTEIRÃO

Se não me engano, faltam poucos julgadores para que fique encerrado o grande julgamento da "*Mulher de todos nós*". Temos ainda de ouvir o orador, o sacerdote e o poeta. Que irão dizer?! Desejo ouvi-os com toda a atenção. Para o mez que vem completo 50 invernos! Não sei se me casarei ou não. Não maldigo nem bemdigo a mulher, porque nunca tive amor de verdade.

Fiz bem em conservar-me solteiro até agora? Farei bem em nunca me casar ou serei feliz, casando-me? Só Deos o sabe! Por isso, haveis de me desculpar o meu silencio.

Nem digo bem, nem digo mal.

Sou neutro.

Ouçamos o orador.

ORADOR

Meus senhores: não esperéis que eu venha pelas mãos do Calliope queimar o olibano das minhas palavras nos delubros dessa divindade de quem tanto

já dissestes, dessa Esphyngé sem segredos, recordando o pensamento de um notavel pensador. Senhores: eu amei um dia uma mulher, uma artista de Circo de Cavallinhos.

Não encontro na eloquencia, eloquencia para descrever a formosura dessa inconcebivel Phrynéa! Amei essa mulher lirial com a obstinação do homem negro, que sou! E o negro, enluarado pelas alviniencias de uma mulher alva, como deveria ser o leite da Virgem Maria, subiu á gloria do matrimonio, coroado pelos triumphos oratorios, que tanto pareciam inebriar a sensibilidade fallaz da insensivel Dejanira!

O glorioso tribuno, em vez de alar-se á *Via Lactea* da Felicidade, palmilhou pela Via Dolorosa, em que chegou ao cimo do Calvario, para crucificar-se na cruz marmorea dessa Eleonora de luar, dessa Laura estemmada de estrellas! Ainda me consideraria um homem, um negro venturosamente desgraçado, se permanecesse naquella crucificação. Mas, um dia, appareceu um Narciso, branco, rico, estúpido e inutil como um brilhante e o Christo Negro foi des-crucificado da sua cruz, para seguir o caminho do Infortunio!

Senhores: minha mulher traiu-me e depois de traído, em face do homem claro, chamou-me de *negro!!!* E eu, que dentro d'alma trazia uma illusão tão branca, confesso que desde aquelle momento "anoiteci"!

Perdi a minha illusão e vós bem sabeis, senhores, o que é a perda de uma illusão!! Senhores: quando perdemos uma encantadora illusão, representamos o papel de creança, que depois de vêr o palleço no picadeiro, cheio de guizos, com a sua roupagem polychromica, a cara bizarramente pintalgada, alegre, folgazão, jovial, como um principe encantado, terminada a pantomima, vê passar o arlequin, que tantas alegrias lhe proporcionou, com a cara lavada, sem as vestes multicôres, sem o chapéo de tres bicos, asqueiroso, feio, pallido e triste como um caboré ou uma estrige solitaria, na Cathedral de um cypreste! O coração do homem é immenso, é do tamanho do universo, mas a lagrima de uma illusão perdida póde encher-o!!

O coração da mulher, sendo pequeno, como um pingo de orvalho, póde conter o oceano inteiro!

A alma da mulher é luminosamente horrenta, como a *Verdade* núa, á margem do poço! Os poetas é que nos fazem mal, endeusando essas divindades perversas!

Já disse um poeta que o sol era homem e a lua era mulher. E eu vos direi que o homem é o dia e a noite é a mulher!

O dia fala a verdade. A noite mente, engana e desengana. Uma arvore, de dia, é uma arvore; de noite, é um fantasma! O dia vê; é a sinceridade do homem. A noite escuta; é a ruindade da mulher!

O dia é a claridade; a noite é a cegueira!

O dia só tem um grande coração, — o sol, que se queima para a vida universal; a noite tem milhares de corações: — as estrellas!

Dizem os poetas que a noite é para a Poesia; e eu digo que é para o Crime! O dia é o templo do trabalho; a noite é o paraíso dos ladrões! O dia, que é o homem, é que nos dá o pão; a noite, que é a mulher, é quem nos rouba o que o dia nos offerrece.

Para o domador, a mulher é uma fêra. Sim, é uma fêra, mas que fica mansa, quando é conduzida por uma corrente de ouro!

As mulheres são infieis, para serem fieis a todos os homens! E ainda ha quem abençoe a mulher decaida, a fidelissima esposa das multidões!!! Senhores: sabeis qual é o espectaculo mais triste deste valle de lagrimas?

E' vêr nascer uma mulher!!!!

Maldito seja o matrimonio!! Quando hoje vejo passar um carro de nupcias, com uma mulher vestida de branco e um hómem vestido de preto, parece-me estar vendo um côche funebre, conduzindo dois fantasmas, dois cadaveres embalsamados de flores! E' o enterro do Amor!

Maldito seja o matrimonio!

Venerando sacerdote, vós, que sois ministro de Deos, escutae-me com amor!

A minh'alma está de lucto e o lucto de minh'alma, ó sacerdote das musas, poeta, que ides falar sobre as assassinas das illusões humanas, o lucto de

minh'alma espera uma gotta de balsamo das cordas
dessa lyra, que almejo ser a esposa eterna de vossa
peregrinação de propheta e visionario!

Tenho dito.

PALHAÇO DE CIRCO

O Sr. orador falou, ou antes, cantou como um
passaro apaixonado! Juro-lhe: fiquei commovido
com o seu bello discurso! Só não gostei muito de
uma coisa: o negocio do palhaço de Circo. Nem
sempre elle sáe do picadeiro triste, abatido, mal
cheiroso e andrajoso, segundo a sua observação.

Se fez referencias a elle pelas palhaçadas com
que ganha o pão, eu sou obrigado a lhe assegurar
que todo homem, seja um camponio, um doutor, um
artista, um orador, um poeta, um ladrão ou um as-
sassinio, desde que se enfeitice por uma mulher, —
não é mais do que um palhaço, representando o
seu papel neste grande Circo do mundo, para onde
vieram todos emprezados por Deos.

SACERDOTE

Como ministro de Deos, só devo ter nos labios o
perdão. A mulher é julgada, segundo a alma dos
seus julgadores.

Para as almas tumultuarias ella é o Inferno.

Para as almas serenas e bemaventuradas, ella é
o Céu!

...*Omnia vincit amor.*

Não tarda muito que a Mãe de Deos retorne aos
seus lares sagrados.

Patere quam ipse feciste legem.

Para rematar esta palestra em que doutores,
scientistas, funcionarios, industriaes, commercian-
tes, escriptores e homens de trabalho se misturaram
com exemplar democracia no julgamento da mulher,
ouçamos a poesia, ouçamos o poeta, ouçamos o vate
inspirado, porque a poesia é a inspiração e a inspi-
ração é a presença de Deos.

AO CREPUSCULO

Quando o illustre sacerdote,
o nobre pastor das almas
deu a palavra ao vidente,
foi um delirio de palmas
que vibrou por todo o ambiente.

Depois, findando os applausos,
fez-se um silencio eloquente.

Tão doce a tarde morria,
tão formosa anoitecia
na sonora euthanasia
da gloria de agonizar,
que ao vel-a assim se diria
que Deos estava sonhando
com a tarde e a tarde enluarando
com uma noite de luar.

Um ventozinho sadio,
saudoso, fresco e macio,
frizando as aguas do rio,
corria entre os mattagaes,
e um anjo incensava a noite,
a noite cheia de odores,
com o thuribulo das flores
dos floridos laranjaes.

Deos, cantando, irradiava
o céu de um lado e outro lado
e o céu ficou rorejado
de tanta fulguração,
que cada estrella que ardia
era um verso illuminado,
uma estrophe, uma poesia,
que a propria Noite accendia
na biblia azul da amplidão.

O dia, já vacillante,
que inda uns accordes ouvira
do bardo, tangendo a lyra
em doloroso prazer,
o dia, já moribundo,
por não ouvir mais o poeta,
os cantigos do propheta,
deu um soluço profundo
com pena de anoitecer.

Uma ineffavel saudade
terra e céu acalentava,
e Vesper lacrimejava,
como uma flor em botão,
quando elle a lyra afinava
pelos surdos murmurinhos
da viração que passava,
levando pelos caminhos
as folhas seccas do chão!

Fitando o céu refulgente,
triste, sim, mas sorridente,
numa tristeza dilecta,
numa tristeza ideal,
nos magos olhos do poeta
brilhavam, fazendo alarde,
duas estrellas da tarde
dentro de um sol de crystal.

Bello, triste e sobrehumano,
em solennissimo aspecto,
impunha tanto respeito
ao coração dos incréos,
que é natural se pensasse
que Deos lá do céu mandasse
para na terra accendel-a,
a magua daquella estrella,
a mais mimosa do céu.

Sob o véo rumorejante
do arvoredado circundante,
no estertor allucinante
da hora do sol se pôr,
o poeta naquelle templo,
naquella igreja de flores,
parecia Jesus Christo
que ia façar aos doutores
sobre os mysterios do Amor.

Com os gestos e a voz canora
de um formoso serafim
o sacerdote das musas
começou, dizendo assim.

O POETA

“Senhores, vêde esta noite
tão sonora de encantos,
que até parece que os santos
celebram seus jubileus!
E’ como se os proprios santos
fizessem neste momento
no escriptorio do firmamento
a exposição do thesouro
das joias todas de Deos.

Se as mulheres são estrellas,
amae, amae todas ellas,
amae gemendo, soffrendo,
que ireis assim aprendendo
tudo quanto o amor quizer,
e quando um dia, já velhos,
gozardes noites formosas
como esta, cheirando a rosas
virginaes de uma mulher,
sentireis tantas saudades
dos sonhos da mocidade,
da idade que cheirá a flor,
que haveis de ver dentro d’alma
vossas illusões fanadas,
como estrellas arroxeadas,
que só reluzem, maguadas,
nos horizontes da Dôr.

Eu soffrerei, resignado,
porque se a Dôr redemptora
é a súprema inspiradora
de uma endecha, uma epopéa,
é porque Deos, omnisciente,
fez do poeta um sacerdote,
e fel-o tambem um crente,
um eterno Dão Quixote
da mulher, a Dulcinéa.

Illustre orador, ó Dante
da palavra e da eloquencia,
parece que a Providencia,
Deos, que tanto bem nos quer,
fez o dia, e fez o homem,
e fez a noite, — a mulher.

Se o dia illumina e queima
tudo quanto o mundo encerra,
se o dia é a festa da terra
accêsa num lumaréo,
a noite é que nos desvela
em seus fulgores ethereos
todo o céo e os seus mysterios,
que a noite é a festa do céo.

O dia, que é um rei potente,
tem uma corôa ardente
nas chammas do sol, que estúa!
Mas a noite, que é rainha,
tem o diadema da lua!

O dia canta sómente,
que o dia é um hymno ao trabalho,
mas só a noite é que chora,
é que tem gotas de orvalho.

Durante o dia é que as flores
ostentam os seus primores,
suas côres naturaes!
Mas não sentindo os ardores
do sol, frammigero açoite,
de noite é que as flores sonham
e as flores recendem mais!

O' grande orador, ó Dante
da palavra e da eloquencia,
parece que a Provyidencia,
Deos, que tanto bem nos quer,
fez o homem e fez o dia,
e fez a noite, a mulher!

Quando a noite mata o dia,
o dia morre em silencio,
com doce melancolia!

Reparae que a natureza
de sol a sol regorgita
e em respeito a noite espera,
para o dia, em vassalagem,
render-lhe a grande homenagem
do silencio, em que a venera.

Quando morreu Jesus Christo?!
Foi de dia! Em pleno dia!
E quando nasceu? A' noite!
E a noite é a Virgem Maria!

A Dôr foi e será sempre
genetrix da inspição!
O coração que padece
é flor que nunca murchece,
porque está sempre em botão.

Eu sinto no fundo d'alma
estrellas negras, escuras,
quando um luar de desventuras

me vem a lyra afinar,
pois considero uma santa
a mulher mais destemida
que me abrir uma ferida
na inspiração dolorida
e deixar que essa ferida
me fique n'alma a cantar.

(Ao espoucar de uma gyrandola de foguetes annunciando a volta da procissão e apontando para o céu, o poeta acrescentou:)

“Senhores, erguei os olhos
aos céos, por breve momento!
Olhae! Que deslumbramento
de estrellas, em profusão!
São os rojões lacrimosos,
explosivos, entondosos,
annunciando, victoriosos,
a volta da procissão.

Eis uma imagem da vida
e da morte da illusão!

Vêdel um foguete! Accendei-o!
Corisca! Ronca! E em regougo,
num surto, esguichando fogo,

lá vae subindo, subindo,
perfurando o espaço infindo,
até desfazer-se, emfim,
num florilegio de lagrimas,
de lagrimas incendiadas,
que apenas illuminadas,
fenecem logo apagadas,
como flores encantadas
de algum celeste jardim.

Pois é assim, meus senhores,
meus confrades soffredores,
que a esse incendio plangente
de um foguete lacrimal,
eu comparo o amor dolente
d'alma humana, sempre inquieta,
e muito principalmente
a morte do Amor do poeta,
que é o palhaço do Ideal!

(E como nesse momento fosse passando a procissão
illuminada pelas flammis votivas, recolhendo-se á capella,
de joelhos e de mãos postas, com os braços erguidos á San-
ta, fazendo um appello a todos os infelizes, a todos os des-
graçados, a todos os orphãos do amor, o poeta concluiu o
seu julgamento com esta estrophe):

Senhores! D'alma ajoelhada,
louvemos em prece ardente
á Mãe de Deos adorada
por todos nossos avós,
— a Virgem pura e clemente,
que foi por Deos consagrada
para ser, virginalmente
a *Mulher de Todos Nós*.

INDICE

INDICE

MARIO JOSE' DE ALMEIDA — Algumas notas sobre o occupante da cadeira quarenta e um	7
---	---

DESAFIOS

Maracajá e Porco-Espinho	29
Caninana e Surucucú	39
Chico Brabo e Chico Manso	49
Mané Côco e Barnabé	65
Pernambuco e Juca Cearense	79
Bêra d'Agua e Bemtevi	89
Fortunata Covara e Zé Periquito	101
Bacatuba e Sabiá	115

O QUE É A MULHER

Introdução	123
O Julgamento	125

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

**HISTORIA DO BRASIL PELO METHODO
CONFUSO**

A estupenda obra que celebrizou o seu autor.

5\$000

A LOGICA DO ABSURDO

Originalissimo livro, de inesperadas conclusões, de são humorismo, a revelar a logica do absurdo e, mais, os absurdos da logica.

5\$000

DR. VORONOFF

Admiravel romance humoristico em que apparece o celebre Dr. Voronoff ás voltas com ambições exigentes da humanidade, a por em pratica o seu methodo de rejuvenescimento por meio do enxerto de certas glandulas...

7\$000

219

Obras do escriptor vivo mais conhecido
no Brasil:

HUMBERTO DE CAMPOS

(CONSELHEIRO XX)

O BRASIL ANECDOTICO

Deliciosa collecção de frases historicas que
resumem a chronica do Brasil-Colonia; do
Brasil-Imperio e do Brasil-Republica.

Livro esplendido que todos lerão innumer-
vezes! — 2ª tiragem.

6\$000

E os livros estupendos, em que o celebre
Conselheiro XX andou espalhando o seu in-
comparavel e fino sal, de mistura com pom-
bos, serpentes, gansos e grãos de mostarda:

Alcova e Salão 6\$000

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

Da Seara de Booz	5\$000
O Tonel de Diogenes	5\$000
O Valle de Josaphat	5\$000
O Mealheiro de Agrippa	5\$000
A Serpente de Bronze	5\$000
Os Gansos do Capitolio	5\$000
A Bacia de Pilatos	5\$000
A Funda de David	6\$000
Grãos de Mostarda	5\$000
Os Pombos de Mahomet	6\$000
O Arco de Esôpo	6\$000
Anthologia dos Humoristas Ga-	
lantes	6\$000

EDIÇÕES
DA
LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO
L I T E R A T U R A

ADÃO JUNIOR

As historias de Mme. ZZ., br. 5\$000

ARTHUR AZEVEDO

Contos cariocas, br. 6\$000

ASSIS BRASIL

Dictadura — Parlamentarismo
— Democracia, br. 5\$000

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Graves e Futels, br. 4\$, enc. 5\$500
Paginas de Criticas, enc... 7\$000
Poemas sem Versos, br.... 4\$000
Hypnotismo, 3ª edição, br.. 5\$000

JULIA LOPES DE ALMEIDA

A Isca, br. 5\$000, enc.... 7\$000
Jardim Florido, br..... 5\$000

AFFONSO LOPES DE ALMEIDA

Evangelho da Bondade, br.
8\$000, enc. 5\$000

AMADEU AMARAL

Letras Floridas, br..... 4\$000

ANTONIO AUSTREGESILLO

Livro dos Sentimentos, br... 4\$000
Preceitos e Conceitos, br... 5\$000

ODILON AZEVEDO

Casa de Commodos, br.... 5\$000
A Mulher do Promotor, br. 6\$000

ESMERALDINO BANDEIRA

Reflexões, br. 3\$000

GUSTAVO BARROSO
(João do Norte)

Ao som da viola, br. 6\$000,
enc. 8\$000
O Sertão e o Mundo, br... 5\$000

RONALD DE CARVALHO

Poemas e Sonetos, 2ª edição,
br. 5\$000, enc. 7\$000

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

Alma do sertão (desafios),
br. 5\$000

CHRISTOVÃO DE CAMARGO

O enima mulher (Diario de
um libertino), br. 5\$000

ASSIS CINTRA

Mentiras Historicas, br. 4\$,
cart. 5\$000
Revelações Historicas para o
Centenario, br. 5\$000
Os classicos e o antigo ver-
naculo, br. 7\$000
Corações Infantis, cart. . . . 3\$000

HUMBERTO DE CAMPOS

(Conselheiro X. X.)

Da Seara de Booz. 5\$000
Tonel de Diogenes. 5\$000
Valle de Josaphat 5\$000
Mealheiro de Aguerio. 5\$000
A Serpente de bronze 5\$000
Gansos do Capitolio 5\$000
Racia de Pilatos 5\$000
Carvalhos e Roseiras 5\$000
A Funda de David 6\$000
Crãos de Mostarda 5\$000
Pombos de Mahomet 6\$000
Anthologia dos Humoristas
Galantes 6\$000
O Arco de Eáo. 6\$000
Alcova e Salão 6\$000
O Brasil Anecdótico 6\$000

BENJAMIN COSTALLAT

Mutt e Jeff. br. 5\$000
Cock-Tail, br. 5\$000

HERMES FONTES

Miragem do Deserto (versos)
br. 3\$000
Microscismo (clogios das flo-
res e dos insectos), br... 3\$000

MUCIO LEÃO

A promessa inútil (e outros contos), br. 5\$000

FABIO LUZ

Nunca — O Soldado (canticos da aurora e do crepusculo), br. 4\$000

HEITOR LYRA

Ensaios Diplomaticos, br.... 4\$000

FERNANDO MAGALHÃES

Discursos, 2ª serie, br. . . . 4\$000

MAURICIO DE LACERDA

Historia de uma Covardia, br. 6\$000
Entre duas Revoluções, br. 6\$000

EMILIO DE MENEZES

Mortalhas (Os Denses em ce-roulas), br. 2\$000

MENDES FRADIQUE

Grammatica portugueza pelo methodo confuso, cart.... 6\$000
Idéas em zig-zag, br. 5\$000
Historia do Brazil pelo methodo confuso, cart. 5\$000
enc. 3\$000
Doutor Voronoff, br. 7\$000.
A Logica do Absurdo, cart. 5\$000
Contos do Vigario, cart. . . . 6\$000

HEITOR MONIZ

O 2º Reinado (2ª edição), br. 5\$000
O Brasil de hontem, br. . . . 5\$000

COELHO NETTO

Vesteral, br. 4\$000, enc.... 5\$500

RIBEIRO JUNIOR

Razões de Estado, br. 8\$000

D. SILVERIO GOMES PIMENTA

Cartas Pastorais, br. 4\$000
Vida de D. Antonio Ferreira Viçoso, br. 6\$000

LAFAYETTE SILVA

Figuras de theatro, br. . . . 5\$000

PEREIRA DA SILVA

Beatitudes, br. 4\$000
Holocausto, br. 4\$000
Pé das Sandalias, br. 5\$000

MUCIO TEIXEIRA

Os Gaúchos, 2 vols., br. 14\$, enc. 18\$000
Sciencias Occultas, cart.... 10\$000
Alta Magia, br. 6\$000

THEO-FILHO

Praia de Ipanema, br. 5\$000
Do Vagão-leito á prisão, br. 4\$000
365 dias de Boulevard, br. 4\$000
Viagem Movimentada, br... 4\$000
Idolos de Barro, br. 5\$000
Perfume de Querubina Do-ria, br. 5\$000
Quando veio o Crepusculo... br. 5\$000

BASTOS TIGRE

Fonte da Carioca, br. 5\$000
Brinquedos de Natal (contos para crianças), cart. . . . 2\$700

NESTOR VICTOR

Criticas de Hontem, br. . . . 4\$000
Folhas que Ficam, br. 4\$000

YANTOCK

Aventuras de Kaximdown — (contos para crianças) — cart. 4\$000
Aventuras de Levabreck e Patapuff (contos para crianças), cart. 5\$000

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 21-A e Treze de Maio, 74 e 76
Caixa do Correio 899 — Tel. C. 250 — RIO DE JANEIRO

A COLLECÇÃO DOS CINE-ROMANCES

publica os romances e novellas sobre que se baseiam os principaes superfilms. Os volumes são profusamente illustrados com as melhores scenas do film e trazem photographias dos principaes interpretes.

JÁ PUBLICADOS:

- N. 1 — BEECHER STOWE — A CABANA DO PAE THOMAZ. Superfilm da *Universal*.
- N. 2 — GASTÃO PENALVA — A CARNE E O DIABO. Superfilm da *Metro - Goldwyn - Mayer*, com Greta Garbó e John Gilbert.
- N. 3. — ALEXANDRE DUMAS — A DAMA DAS CAMELIAS. Superfilm da *United Artists*, por Norma Tallmadge.

Est. de Artes Graphicas C. Mendes Junior - Rua Tenente Possolo, 47 - Rio

